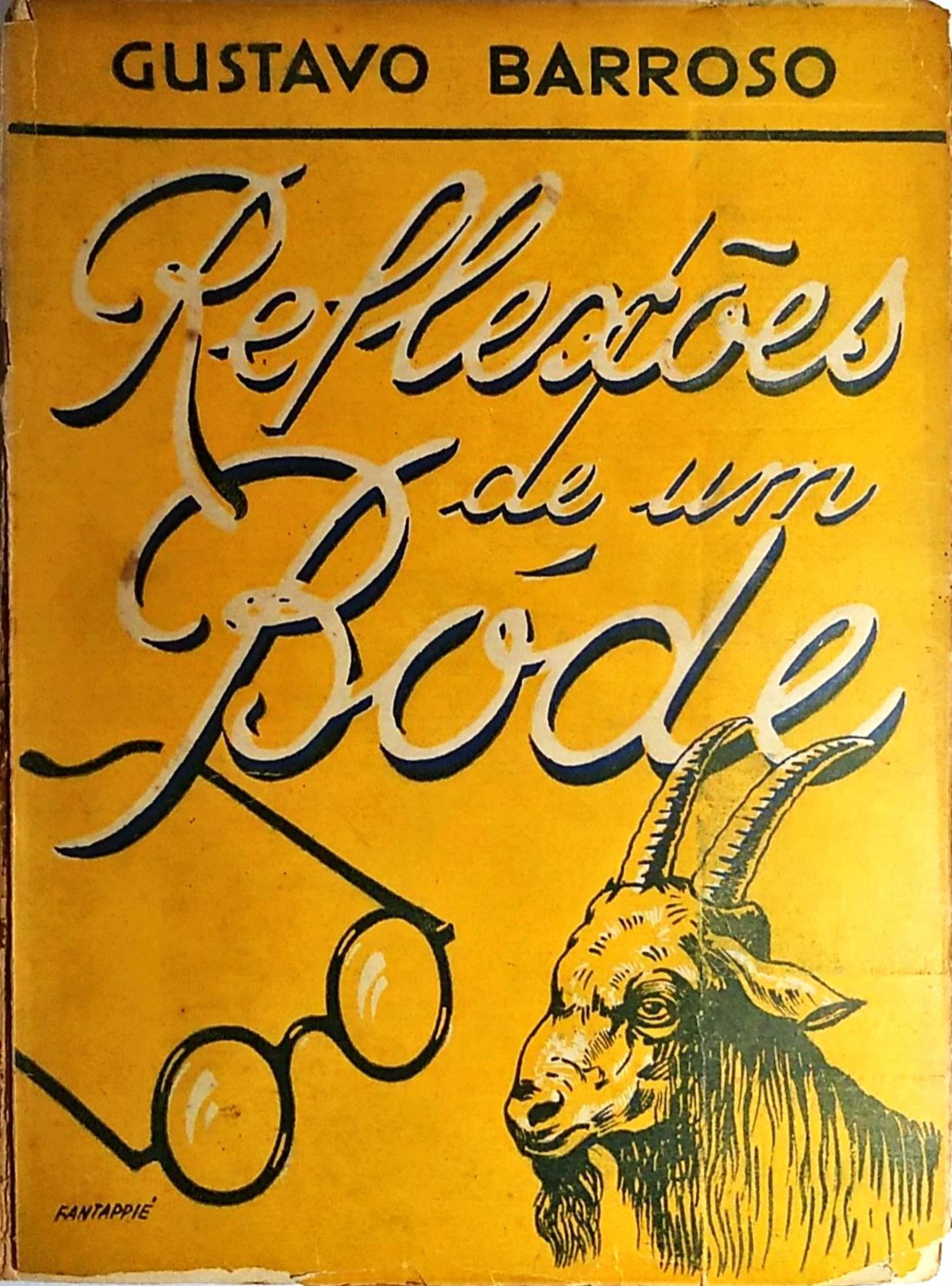
GUSTAVO BARROSO

# Reflexões de um Bode



585/52

# REFLEXÕES DE UM BÓDE

GUSTAVO BARROSO

# Reflexões de um Bóde

Elliton Oliveira
2010

GRAFICA EDUCADORA LIMITADA
RUA TEÓFILO OTONI, 74 - 2º — RIO

# O BÓDE...

*"Os judeus estão dispersos no mundo inteiro e unidos entre si por um laço muito forte. O mêsmo se dá com os francos-maçons, que são tambem internacionalistas... Sob o disfarce da luta pela* liberdade *e sob a máscara da teoria da* democracia, *os judeus-maçons declararam guerra á civilização cristã... A maçonaria é a primeira etapa para o estabelecimento da soberania judaica sobre o mundo, para o reconhecimento por parte de todas as Nações do Poder Supremo de Israel... A maçonaria é um* Bóde *expiatorio de Israel e tambem um sinal de maldição..."*

Vladimir Burtzev — "Byloê" (O Passado"), fasciculo 4.º, 1917.

# 1ª PARTE

# Reflexões dum bóde

# REFLEXÕES DUM BÓDE

O lider comunista João Mangabeira tem toda a razão quando afirma no seu Manifesto que o sr. José Americo de Almeida é *espiritualmente* da esquerda.

O antigo Ministro da Viação nega ser maçon e diz-se catolico; mas quem conhece a sua obra de escritor *realista* e *freudiano* não póde acreditar nessa afirmação dos dentes para fóra. O que êle mostra ser no que escreve é um espirito anti-religioso, anti-clerical, maçonico e imoralissimo, virtualmente demolidor, que nada respeita e que tem o prazer masochista das cousas imorais.

Vamos documentar o que estamos dizendo, serenamente, com os proprios escritos do candidato á presidencia da Republica, que nêles procura destruir o prestigio das forças armadas, a formação do clero, a crença dos fieis e a propria literatura nacional. Que leiam o que brotou de sua pena e o julguem os milita-

res, os sacerdotes e os inteletuais. Verão que se trata dum novo Elias Ehrenburgo das "Aventuras de Julio Jurenito" em edição nacional e em encardenação paraibana. Êsse judeu tudo destrói na sua obra negativista. O mesmo fim colima o sr. José Americo, espiritualmente da esquerda...

Antes de dar á luz os romances freudianos como "A Bagaceira", no qual, em tempo, respigaremos as cenas *improprias para menores,* o sr. José Americo publicou em 1922, na Edição Filipéa, uma novela intitulada "Reflexões de uma cabra". Êssse livro caiu no esquecimento e o autor tudo faz para que ninguem lhe ponha os olhos em cima. E' nêle que nos vamos documentar para revelar ao publico que o candidato majoritario é uma alma sem crença e sem moral.

Afirmamos isto de cabeça erguida diante das sujeiras caídas de sua pena de escritor e do que êle proprio diz.

"Reflexões de uma cabra" é a biografia de um seminarista que não chegou a ser padre. Como o sr. José Americo confessa que tambem foi seminarista e largou a batina, é natural que muita cousa do livro reproduza a propria psicologia do autor, o que muito pouco recomenda, como veremos, os seus pendores espirituais...

Logo á pag. 1 diz o sr. José Americo: "Contou-n'a (*a história*) vai por dois anos um capitão de artilharia, homem sabedor e sensibilissimo, que, por sinal, não come cadaveres. Reputa êle menos ofensivo o DEVER PATRIOTICO DE MATAR GENTE, do que a necessidade visceral de devorar bichos sangrados"...

Eis aí como o sr. José Americo considera os militares e o dever militar: comedores de cadaveres e matadores patrioticos de gente. Que o exercito tome nota do conceito sibilinamente afrontoso aos seus brios.

A' pg. 2 lê-se: "Pelo processo das elipses chegariamos a reduzir a um zero quasi toda a literatura nacional". Que dirão a isto os *inteletuais* que assinaram um manifesto ou cousa que o valha, apoiando-o?...

Na mesma pg. 2 êste *angú de caroço*: "Pago-me da canceira de alguns dias de escrita, se for destrinçado o espirito ou a falta de espirito da urdidura. Mas, por via das duvidas e da critica, passo a explanar numa linha o que está, á evidencia, nas entrelinhas subsequentes: não é romance, nem novela, nem conto e é tudo, ao mesmo passo, sem ser nada. Eis que, ao contrario de desvendar o misterio, cada vez mais o enredo na minha explicação.

Do estudo da filosofia ficou-me a vocação do ininteligivel!"...

Que diabo disto é aquilo? Não ha nada como tudo o mais é história em materia de principalmente... Reincarnação de Budião de Escama querendo destruir a filosofia. Pretenção!...

Veja-se o capitulo "Sottisier Americano" dêste volume e se verificará que a especialidade estilistica do sr. José Americo é o *angú de caroço*...

O segundo capitulo do livro já é negativo no titulo, com vontade de ser original: "Oito menos oito é igual a dezeseis". Lá está á pg. 4, com todas as letras: "Essa quizilia ás meninas êle a tirára ao proprio pai que quebrava o resguardo da mulher em agravo á responsabilidade materna pelo misterio da diferença dos sexos, todas as vezes que não ouvia, no ato do parto, o grito masculino. Chegou um dia a berrar para a parteira: — Comadre, veja se ainda ha geito! A ogeriza fraterna contrastava com uma entranhada afeição aos animais. E' a fortuna dos gatos, dos cães e quejandos: dá-se-lhes o que se nega a quem de direito, por preencher o vasio do coração e amar seja o que fôr, quando menos os nossos contraparentes em Darwin".

Quem quiser entender que entenda o que aí está. Limitamo-nos á transcrição fiel e a chamar a atenção para o darwinismo do candidato que se diz católico.

Na mesma pg., segunda coluna, êste desrespeito á Cruz, ao simbolo sagrado do Cristianismo: "Lembra-me agora: havia um cruzeiro na frente, não sei se por promessa ou devoção, onde os bodes, demoniacamente, se esfregavam e o vaqueiro, por descuido, amarrava o cavalo de campo".

*Ave crux, spes unica!* Perdoai-lhe, Senhor, pois não sabe o que escreve!...

Na pg. seguinte, a 5, referindo-se a histórias de onças no Seminario, não se peja de escrever enormidades disfarçadas ou indiretas e *sous-entendus,* fazendo oficio de mercador de obscenidades e transportando até a pg. 6 um como elogio do pecado ominoso da bestialidade. Dificilmente um escritor póde ser mais torpe. Tem-se a impressão duma pagina de romance communista fescenino, "C a c á,u", "Suor" e quejandos. Leiamo-lo, é melhor: "Foi ali, no Seminario: — a vermelha do reitor, mansa que nem uma gata angorá. E' exato que ela, depois, virou onça, de verdade, e quis pegar o cuati. Mas, a êsse tempo, já devia estar, novamente, no sertão, onde não correria o risco de ser comido pelas feras"...

"Era amigo de todas as rezes. Trepado na porteira, levava horas sem conta vendo as vacas nédias a mugirem, com o pescoço estirado, ou a lamberem as crias. Tinha inveja aos bezerros e, com vontade de receber caricias que nunca experimentára, chupava as têtas da *alvaçã,* caduca e pachorrenta, que, como amostra de carinho, lhe batia com a *vassoura* do rabo no rosto".

Perguntamos com toda a sinceridade: haverá no Brasil um pai de familia honesto que permita a entrada de tal livro no seu lar e que confie sua defesa a êsse recalcado bodesco, se êle subir á suprema magistratura da Nação? A expressão *recalcado bodesco* não é desmarcada nem injuriosa. Ela resulta do que escreve o autor das "Reflexões de uma cabra", que, a cada passo, como veremos *á la longue,* só fala em bodes, bodetes, cabritos e cousas caprinas. E' uma verdadeira obsessão do seu espirito.

O capitulo III intitula-se "O Formigão" e não passa duma critica injusta, sistematica e demolidora da vida do Seminario, destinada a matar nos leitores jovens a flôr de qualquer vocação religiosa. Critica baixa e infame! Começa pela entrada do pai que trazia o filho para ser padre, ambos montados em burros: "Entraram as orelhas de um burro... depois,

o resto, com um homem escanchado... outro burro... um rapazinho... Retumbou, de longe, um vozeirão: — Aqui é a casa de fazê vigario?... José Pereira perguntou a Pedro Medeiros: — Qual é dos quatro o que fica no Seminario?"

Isto á pg. 9. Agora á pg. 11 "O almoço era, ás vezes, mungunzá. No prato fundo, *esbarrotado* de caldo, sobrenadavam dois ou tres caroços de milho. E êle chamou Genesio: — Prefeito, eu queria uma lente p'ra procurar o almoço... Ninguem riu da pilheria que, por cima disso, lhe valeu um pito solene. Nas horas de silencio, que eram quasi todas, no refeitorio, menos ás quintas-feiras, no dormitorio, no salão de estudo, na capela, enquanto os outros erguiam o espirito a Deus na prece que espiralava ao céo, ou a baixavam ás tentações mundanarias, êle matutava na população da fazenda — nos bódes"...

Caroços de milho? Que estilo de caroço?!...

Recalque bodesco, em verdade! Deixemo-lo, porem, continuar: "Era escalado, diariamente, um seminarista para lêr trechos religiosos e instrutivos durante as refeições. Uma dupla nutrição — dos estomagos e das cabeças. Mas parece que, quando a bôca se abre, as mandibulas tapam a audição. Estou que apenas o leitor designado percebia o sen-

:ido do livro, assim mêsmo porque, como diria o Gabriel, agitava o par de queixos em sêco. Demais, a fome, nêsse momento, não era, propriamente de saber. E é impossivel prestar atenção, simultaneamente, a um prato e a um livro. Acabar-se-ia lendo o prato e comendo o livro"

Pg. 12: "Zé Fernandes decorou as declinações com o monsenhor Odilon. O lente ainda não era monsenhor. Nem padre. Era seminarista. Notem bem — não era padre, nem monsenhor. Seminarista tambem podia ser lente. Podia. A questão era saber ensinar. Estudou francês com padre Aristides. Estudou. Não sei se aprendeu. Talvez tenha aprendido. Aristides tambem não era padre. Hoje é que é. Usa batina. E tem corôa. Emagrentou-se. O problema da alimentação. Materia para outro escrito. Assombrou-se com um pesadelo de Balbino. Foi um pesadelo horrivel. Sim, horrivel! Horribilissimo! Todo o seminario se assombrou. Balbino era sonambulo. Deixou a batina. Ainda bem. Poderia assombrar o rebanho. E as ovelhas se tresmalhavam"...

Só não entenderá o que aí se acha nas entrelinhas quem não quiser. Os padres que agradeçam essas infamias veladas ao católico José Americo. Ha peores. Ha sacrilegio na propria pg. 12 — "Zé Fernandes foi dormir

na matriz. Enroscou-se ao pé do altar. Era uma postura de piedade e contrição. Mas, roncou das 8 ás 6 da manhã, e, o que é mais grave, pegou no sono, sem, sequer, engrolar o *padre-nosso*. Se eu fôsse mais amigo da ficção, do que da verdade conhecida por tal, tiraria dessa dormida umas paginas puxadas a tropos e a visões beatas ou possessas. Minha pena tambem sabe tremer e quebrar-se de comoção... Mas sou, desgraçadamente, compelido a confessar — êle ressonou, como um suino, e, despertou uma vês para uma micção na sacristia".

Duvidam? Leiam o livro e verão peores, muito peores. Ninguem vá pensar que sejam meras leviandades de homem de letras. Não. Êle proprio, á pg. 11, declara categoricamente — "O meu (estilo) é êste: está no meu sangue, *que se transfunde na tinta com que escrevo*"...

E, falando de estilos, prossegue arrazando o das maiores glorias da literatura brasileira, que já considerára antes reduzida a zero, menos êle, o grande José Americo, já se vê, defensor da civilização cristã, católico e dos bons. *Vade retro!* "(O estilo de Machado de Assis ó ruminante. Mastiga demasiado a idéa e, ás vezes, retrocedendo ás paginas voltadas, contra a lei do menor esforço e os habitos da leitura em pé. O de Coelho Neto é abundante e garrido,

como muito apraza ao nosso meio literario. Mas, força-me-ia a visitar a Grecia antiga, e no decurso da ida e volta, talvez o cabrito espigasse, ficasse bóde ... estaria sacrificado o epilogo. O de Humberto de Campos é da predileção de todos os sexos e de todas as idades, principalmente de mulheres e velhos. Eu não tenho, porem, o menor interesse em esgotar edições, nem em excitar o povoamento do sólo"...

O recalque bodêsco é constante... A' pg. 13 explode até nas transcrições de desafios célebres, como o de Madapolão com Bemteví:

"Sim sinhô, seu Bemtiví,
Eu sei qui sabe cantá:
Cuma é qui o bóde berra,
Sem tê tenção de berrá?"

"Senhora dona da casa,
Por favor a porta me abra,
Que eu não sou que nem cabrito
P'ra mamar dois numa cabra".

O recalque vem á tona na pg. 15:

"Foi o caso que o surpreenderam no lugar mais privado do estabelecimento com um livro proibido (era vedada até a leitura de jornais): "O Seminarista", de Bernardo Guimarães".

Será possivel que da vida do Seminario o ex-formigão de óculos, José Americo, somente tenha visto êsses recantos privados, sem nada de espiritual, de sublime, de elevação da alma para o Cristo? E escreveu tanta torpeza, como confessa, com seu sangue? Que sangue de bóde!

Adeante, pg. 16: "Se voltava ao curral, torcia a cara: vexavam-no as cenas de fecundidade de que, antes, não dera fé. E nunca mais êle esqueceu "O Seminarista" de Bernardo Guimarães".

No mêsmo local, uma cena propositalmente arranjada para achincalhe da religião: "Finda a missa do galo, Zé Fernandes, que a acolitára, descia os degráus do altar, na frente do oficiante, com o missal no peito, eis que, ao atravessar a onda dos fieis, teve um estremeção. Foi o acaso. Posso assegurar que aquêles olhos não se procuraram. Mas, apenas se cruzaram, entraram uns pelos outros, os dela com tanta luz, tanta, que pegaram fogo ao coração. Deus me perdôe, mas os lugares sagrados, inclusive a capela de Curema, deveriam ser defesos ao ingresso de semelhante tentação, para serenidade interior dos devotos e de toda a côrte dos Santos. Porque, verdade, aquilo não eram janelas dalma, mas do inferno ou, por assim dizer, do paraiso".

Não acham os leitores que, se o sr. José Americo fôsse sinceramente católico, escolheria outra hora, que não o final da missa, e outro local, que não o templo, para situar as suas cenas caprinas?

Mas o homem é incorrigivel. Prossegue mais abaixo: "Derramavam-se restos de luar. Umas arvores, vestidas de sombra, a modos que usavam sotainas, que rezavam; outras, tocadas pela claridade, entremostravam-se, á transparencia da folhagem, casquilhas e casadeiras. O seminarista meditava: — E' Maria Annunciada, a neta do capitão Medeiros"... O personagem do sr. José Americo chegou em casa com o pensamento bodesco voltado para essa moça a quem o autor deu propositadamente o nome de Maria Annunciada, está se vendo que *cum malefica intentione*. E já na pg. 17 roça-lhe a asa da tentação do incesto. Nem deante disso recuou o estilo-sangue do sr. José Americo: "A irmã mais moça, aos embalos gritantes da rêde, entrou a cantarolar:

*Maribondo amarelo mordeu*
*Na capela do oio: não doeu.*

Êle estava enfarado de ouvir aquela cantiga bêsta. Mas, nêsse instante, a toada perfurou-lhe todos os sentidos. Ergueu-se, de panca-

da. A menina escoou-se: cuidara que havia escandalizado a batina do irmão. E êle teve um pensamento maluco: — Ser padre? Só se fôsses para dizer a primeira missa na *capela* daquêles olhos"...

Não é possivel maior ignomínia. Sente-se o propósito de aviltar a batina. Será possivel confiar uma Nação a um recalcado freudiano dessa marca?

Veja-se como, na 2.ª coluna da referida página, a disciplina da Igreja é metida á bulha: "Ninguem póde aquilatar a obediencia do seminarista aos superiores; basta que tenham uma ordem acima — do menorista ao Papa. A hierarquia manda adivinhar os pensamentos"...

Acompanhemos, embora a contragosto, o que escreve o sr. José Americo com o seu sangue, como diz. Pg. 18: "O velho advertiu: — Menina, beija a mão de *seu vigario*. Ela caíu em si e, depondo a bandeija numa mêsa, estalou os beiços na destra do padre Souza. Voltou-se, em seguida, para o seminarista e êste, com o braço encolhido: — Eu não sou padre. A moça purpureou-se e ficou mais linda na sua perturbação. Entrára com uns modos de modestia ou timidez, a cabeça baixa, o olhar no chão; mas, nêsse ponto, mordida de curiosidade e, talvez, de despeito, ergueu as pálpebras

e fitou no seminarista os olhos da missa de Natal. Que eram dos exorcismos da Igreja? Aquêles dois abismos tinham atrações infernais! Negros e luminosos! Como de tanta noite podia vir tanta luz! Tanta luz que só por milagre não lhe queimava os cilios... O padre Souza interrompeu a palestra com o dono da casa: — Zé Fernandes, não seja tôlo. Então, porque você fez uma desfeita á menina ha de estar aí *encalistrado?* Um ósculo não faria nenhum mal. E, reparando-lhe na palidez e na aflição: — Dêem mais café a êsse homem! São as fraquezas do Seminario. Eu tambem tive minhas *ôras*... Maria Anunciada trouxe a chicara e, entre curiosa e vexada, ainda olhava. Mas, para logo, desviou a vista: não resistiu á fixidez alucinada das pupilas do seminarista".

Qual o resultado disto? Responde a pag. 19: "José Fernandes queimou a "Imitação de Cristo"!.

Deletreemos a cena chula do reconto do namôro do seminarista á sua mãe. Vale á pena como exemplo de estilo saído do proprio sangue:

"Diz que entrozou na igreja. Êle pinicou o oio, ela grelou e foi um bredo danisco.

A velha assuou o nariz e fusilou-lhe a vingança nos olhos:

— Aquela arrenegada havera de botá... E' cousa botada! Mai eu faço um estrupiço!

As meninas ouviram e começaram a choramingar.

— Aquêle catrapoço!...
— Aquêle trupizupe!...
— Aquela desadorada!...
— Aquela peitica!...
— Móde qui véve sêca pur home!...
— Só reino é arrochá-li as guelas!
— Catrevage cum gôgo de gente!...
— Aquêle capiroto!...
— Aquela acelerada!...

E a velha, *tiririca,* com as mãos nas ilhargas:

— Vai fedê a chifre de bóde!"...

Não era possivel esquecer o bóde, nem mesmo no tipico remate desta linguagem de portão de feira...

Acompanhemos o freudismo Zé-americano pelas paginas 20 e 21 afóra: "E tinha, na capela, extases sacrilegos. Enquanto os outros se desvinculavam de si proprios, na unção da reza, se desligavam, em espirito, das materialidades do mundo, da carne e do diabo, êle corrompia, febrilmente, o sentido das orações: *Ave Maria! Santa Maria!*... De uma feita tirára nota má. E, quando os

colegas presumiram que as lagrimas iam saltar-lhe das orbitas, êle entreabriu os labios... Aquêle labéu era a primeira silaba do nome dela: ria para o completar: *Má...ria*. Um trocadilho réles, mas ingenuo e verdadeiro como o amôr do seminarista".

Uma pausa para lembrarmos que, anteriormente, fizemos notar ser o nome de Maria propositalmente posto com má intenção. Prossigamos: "O leitor cético não conhece o convento de São Francisco. E, se o conhece, não sabe o que é viver perdido naquêles corredores sombrios, dentro daquêle vasio, refugiado numa visão de amor, aos fogos da puberdade. Era a paixão que fervia e refervia, a despeito das sugestões de piedade que se evolavam das paredes seculares e se edificavam num coletivo exemplo de fé... Um arrependimento atormentava-o. Porque não lhe dera a destra a beijar? O proprio padre Souza não lh'o levaria a mal. E teria a marca do ósculo nas costas da mão para cheirar, para lamber, para morder"...

Francamente quem olha para o senhor José Americo com aquêles oculos não é capaz de suspeitar que sob aquela sisudez estudada dormita um vulcão de sensualidade: para cheirar, para lamber, para morder! Credo!

Vá lamber e cheirar e morder o diabo que o carregue!...

Não podemos resistir á transcrição da cena da pg. 21, em que o pai do seminarista toma conhecimento do seu namôro: "Mais tarde, deu parte ao marido de que Zé Fernandes já estava *de cama e mêsa* na *Craibeira*. Era o falario dos vaqueiros.

— Deixa, muié!...

Ela desmaiou e desconheceu o homem com quem vivia ha 34 anos. E' êle:

— Qui é qui tem, muié? Sendo vigario, é o qui serve...

Nisso, entrou o seminarista:

— Não, meu pai: eu não serei padre!

O velho vivia achacado. Quiz dissimular o *genio*. Entupiu as ventas com duas dedadas de torrado. Andava, ha tempo, de má sombra, com a testa avincada; mas parece que teve medo de sua vingança. Desconversou. Resfolegou.

Zé Fernandes insistíu, opiniatico:

— Eu tiro a batina!

Então, o velho estomagou-se. E ergueu-se de um salto, terrivel e bilioso:

— Cadê o chiqueradô? A b é c a êsse *côrno!*"

Ninguem duvide: está escrito com todas as letras. Não nos queiram mal os pudícos

pela transcrição. Isso é estilo dum futuro presidente da Republica? O sr. Armando Sales representa os interesses do judaismo, porem, ao menos, tem linha, tem educação. Êsse nem isso.

A' pag. 22, o seminarista fugiu de casa: "Zé Fernandes saíu ao léu. Pela primeira vez, dêsde que era seminarista, lembrou-se de Deus, para lhe dar graças por não ter sido deslombado. Na proxima volta, tirou a batina pelo avêsso e enfiou-a num galho de facheiro. Ficou em mangas de camisa. A' vista dêsse espantalho, os passarinhos revoaram e uma largatixa desceu, por entre os espinhos, com a cabeça erguida".

Ao lado da preocupação em ridiculizar a batina, o recalque sensual: "Escutou uma estralada distante. Era um lote de bêstas que, logo, atravessou a estrada com as garupas redondas e luzidias. O *pai d'egua* corria com o topete ao vento e o rabo empinado. Galopava com o focinho levantado para trás. Parecia querer dizer qualquer cousa. De feito, nitriu. Eram, talvez, ciumes de garanhão. Ou algum conselho ruim. Zé Fernandes não compreendeu. Caiu-lhe aos pés um par de canarios. Ia apanhá-los, quando êles arrancaram o vôo, mais velozes e lépidos. Pousaram num ramo florido, juntinhos, esfregando-se os bi-

cos. E que trinados — Santo Deus! — tiraram, então, dos peitos enamorados!... Essas avezitas ensinaram ao filho de Crispim Melo Azedo o segredo do amor e da liberdade".

Livro bolchevizante e dissolvente, "Reflexões de uma cabra" chega á propria blasfemia do bóde luciferiano á pag. 22: "E o homem... ergueu os punhos para o céu: queria lutar com o fantasma de sua desdita. Acordou os reptis um uivo danado de desafio a Deus e ás *profundas do inferno*. Só não tem coragem quem não ama nem sabe amar"...

Católico, o snr. José Americo? Que dispauterio!

O seminarista ficou noivo á pag. 25: "Ela abandonou-se ao amor do noivo. Mas vivia entrada de desconfianças. Quando José Fernandes a balançava nas esperanças do tálamo, meneava a cabeça, aos arrepios:

— Mas dizem que quem desencabeça seminarista não casa com êle... Zé Fernandes respondia-lhe com muitos beijos e ela tingia-se de pudor e tremia de medo". O resultado foi êste da pag. 26: "Ventava. Uma refrega levantára o vestido de Maria Anunciada quatro dedos acima do tornozelo. E ela, morta de vergonha, ao lado do noivo, cur-

vou-se, com as mãos nos joelhos, por prender a saia entre as pernas. Mas a lufada alcoviteira teimava em descobrir e revelar outros encantos ao amor de Zé Fernandes. Nisso, ela caiu, pudicamente, sobre os calcanhares e desferiu um ai. Não disse nada. Mas, seu companheiro distinguiu nos aculeos da *corôa de frade* uns borrifos de sangue, rubros como a parte superior e os frutos, em berloque, do cacto. E recrudesceu-lhe o rancor contra as corôas e as frades"...

Compreenderam naturalmente, o que se passou e o que quer deixar entrever?

E' dificil ser-se mais sibilinamente imoral e perverso. No final, uma verdadeira senha maçonica: contra as corôas e os frades, *reprise* literaria do *contra o trono e o altar* das lojas onde pontifica o Bóde Preto... (*)

Zé Fernandes acabou, por causa da sêca, deixando noiva e sertão, em busca de outras terras, de maiores recursos. Na Paraíba, encontrou, pg. 29, 1.ª coluna: "meio mundo sem batina: José Amancio, José Regis, JOSE' AMERICO DE AMEIDA, José Leal, José Cavalcanti (já no 3.º ano de medicina), José

---

(*) — Chama-se a atenção do leitor para o cap. "Coração maçonico", onde se prova a linguagem maçónica do sr. José Americo.

Maria, José Augusto (ambos da *Graça*, que com êles não fez milagre), José Meira... Parece que foi o exemplo do nome. Em compensação, está feito seminarista o poeta Osorio Pais".

Quanta maldade!

A' bôca ou, melhor, na pena de Zé Fernandes põe esta perversidade contra o clero, á pg. 30: "O dr. Saldanha é muito rico e solteirão. Se eu tivesse dinheiro, minha noiva já estaria casada. E' desembargador. Aqui se diz ministro, naturalmente com inveja do Supremo Tribunal. Aí, ministros são somente os padres — minístros de Deus, da religião. Não sei como não me ordenei numa terra onde os sacerdotes são tudo, até ministros. Mas isso êles são em toda a cristandade".

Sobre as cartas de Zé Fernandes, seu homónimo Americo não se peja de escrever isto, na mêsma página: "Seu Virgilio ainda guarda (se não está com Deus) essa escassa e preciosa correspondencia, com o mêsmo cuidado com que dona Rosalia conserva o alecrim da semana santa e as palmas do domingo de ramos".

Para que essa mistura? Para fazer gracinha?

Os baianos devem ler o que o sr. José Americo escreveu, sobre a mulher baiana, á pagina 39:

"Chegou a cabra pela corda. Era bem educada como um animal sulista. Retinta, luzidia, com um porte donoso e arrogante de matrona, não negava a bicha sua naturalidade".

E, mais adeante:

"Dona Irma ficou tocada de gratidão. Chegou á ternura de pespegar um beijo no focinho humido da Baiana. Assim a batisaram (a cabra) dêsde que chegára, não sei se por causa da côr ou porque era ama de leite. Tambem não sei se as mulatas, conterraneas de Rui Barbosa, são procuradas para essa função semi-maternal. São aptas..."

Aí está o julgamento do sr. José Americo sobre a Baía.

Os bem educados são os sulistas. Os filhos da Baía são mulatas, que dão para ama de leite. O apelido depreciativo, que se põe numa cabra, é o de Baiana.

Zé Fernandes casa em S. Paulo e diz o novelista á pg. 33: "O leitor já sabe do parto — *delivrance,* como diria um jornalista brasileiro — da senhora Melo Azedo. Sube tambem que o infante é Amaril. Nasceu primeiro que se tivessem completado os nove mêses re-

gulamentares... Tambem a diferença era de dois dias apenas e está prevista pelas civis e pelas luas..."

Sem comentarios...

O menino adoece de gastro-interite e cura-se com o leite da tal cabra, que passa a ser a heroína da novela. Grata ao animal, a mulher de Zé Fernandes diz-lhe que ela merece um premio. Leiamos o dialogo á pag. 35:

— "Já pensei nisso; mas que havemos de dar a uma cabra?

— Ora, ela vive tão só! Berra tanto!... poderiamos dar-lhe um companheiro. .

— Exatamente! Vou comprar-lhe um marido. Um animal fino, de raça.

E dona Irma, sorrindo:

— Ela prefere um bóde do teu sertão... Do teu sertão!...

Queria, certamente, lisongear o esposo.

O homem não passa sem bóde. Que mania!

Depois da farta documentação que aqui estampamos das idéas amorais, dissolventes, bolchevizantes e anti-cristãs do escritor paraibano, queremos crêr que nenhum orgão da imprensa católica que se prese, que nenhum prelado consciente de seus deveres de pastor, que nenhum sacerdote amante de seu Deus e

de sua batina, que nenhum católico verdadeiro, zeloso pela sua familia e pela sua moral, poderão em hipótese alguma defendê-lo ou sufragar-lhe o nome á suprema magistratura da Nação. Como poderá governar um povo cristão o autor de semelhantes torpezas, o escritor preocupado com os bódes e seus feitos?

O sr. José Americo de Almeida parece que se eenganou pondo na sua novela o titulo de "Reflexões de uma cabra". A cabra que alimentou o filho de José Fernandes não faz ali reflexão de especie alguma. Todas as reflexões do livro correm por conta do autor, que escreve, segundo diz, com o proprio sangue, e essas reflexões, conforme vimos, são reflexões, na verdade, dum bóde... Serão dum bóde preto? E' bem provavel...

# BAGAÇOS DA BAGACEIRA...

O sr. José Americo de Almeida publicou as suas famosas "Reflexões duma cabra" em 1922. Aquêles que afirmam a sua crença católica, que garantem não ser êle simpatico ao comunismo, nem maçon, dirão, certamente, que êsse livro foi uma obra leviana de sua mocidade e que, depois, inteiramente se modificou. Acompanhando-se a vida literaria do candidato majoritario, chega-se a uma conclusão contraria. O homem mantem-se no seu estilo-sangue dentro das mêsmas idéas maçonicas-comunistas com que o vimos estrear, bodescamente.

Passemos aos documentos. Leia-se o seu romance, "A Bagaceira", elogiadissimo pela critica judaico-marxista, pelos grupinhos materialistas do fundo de certas livrarias. Sua primeira edição é de 1928, seis anos após ter a cabra refletido. As suas reflexões continuam caprinas.

Quando, nêsse livro, o sr. José Americo se mete a pensar, sáem cousas que dão frouxos de riso, outras que comprovam a sua falta de tino e bom senso, revelada nos últimos discursos politicos, e ainda algumas que são *descobertas sensacionais*... Tomemos um ramilhete de exemplos:

## COUSAS DE FAZER RIR:

Pg. 1: "A alma semi-barbara só é alma pela violencia dos instintos. Interpretá-la com uma sobriedade artificial seria tirar-lhe a alma".

E' uma alma sui-generis, alma com alma! Interpretando-se essa alma com sobriedade, tira-se-lhe a alma. Que passe de magica: tirar uma alma da alma!...

Pg. 27: Recolher-se é voltar-se contra si proprio. E sobrevinha-lhe o remorso que é o narcisismo dos pessimistas".

Definição de arromba do remorso! Com vistas ao Almanaque de Lembranças...

Pg. 250: "O amor é o caixeiro viajante da propagação da espécie".

Bravissimo!

## COUSAS SEM PE' NEM CABEÇA:

Pg. I: "Ha muitas fórmas de dizer a verdade. E talvez a mais persuasiva seja a que tem a aparencia da mentira".

Idem: "Se escapar alguma contradição sentimental, é a tragedia da propria realidade. A paixão só é romantica, quando é falsa".

Mania do paradoxo tôlo.

Pag. 250: "A maior saudade é a do bem presente que já não se alcança".

Compare-se com esta perola do discurso da esplanada do Castelo: "Mas o nosso peor dia é o dia de amanhã que não chega nunca". Confere em número, género e caso.

Pg. 272: "... a razão luzia como um relampago que é o ôlho máu da tempestade".

Qual será o ôlho bom da tempestade? Talvez aquêle com que se vê onde está o dinheiro... Ou o ôlho de Moscovo...

## DESCOBERTAS SENSACIONAIS:

Pg. 180: "Não ha nada mais triste do que uma criança triste".

Na verdade!

Pg. 250: "O amor maior é o que não tem fim".

Sim, senhor!

Pg. 253: "Só se corre para o que foge"...

E esta! Para o que vem, a gente não precisa mêsmo correr...

O sr. José Americo é o escritor materialista, mecanicista, que, no seu estilo-sangue, angú-de-caroço, vai lenga-lengando as suas concepções materiais da vida, de envolta com um eterno sem-nexo. Talvez seja isto o tal *travo da época* que lhe encontra na fé um virtuoso sacerdote, quando o apregôa católico. Senão, vejamos:

Pg. 3: "Vivia êle, dêsse jeito, entre trabalheiras e ocios, como o *homem-máquina* dessas terras que, ou se agita resistentemente ou, quando para, para mêsmo como um motor parado".

Todo motor parado para mêsmo, não ha dúvida...

O seu gosto continuado das indecencias, dos nomes feios, das cousas fesceninas, da imoralidade, que tornam seus livros improprios para menores, tambem não nos parece muito católico. Queremos crêr que a censura eclesiastica não lhes daria o *nihil obstat,* nem o *imprimatur*. Recordemos alguns dêsses pedacinhos de ouro:

Pg. 19: " — E' o que lhe digo de uma vez por todas!... da mãe Joana!... meter as ventas!"...

As palavras eram tão crêspas que se pulverizaram em reticencias...

Pg. 32: "Assim que o xexéu do c. preto entrou a gritar, Manoel Broca berrou"...

Aqui as reticencias se concretizam em uma letra expressiva...

Pg. 79: "E gritou que eu não o aporrinhasse".

Elegancia de estilo favela...

Pg. 122: "Ou, então, corrompiam a fonetica para requintar no insulto: — *Félha da póta!*".

Agora, no disfarce da prosodia, a cousa saíu com todas as letras, sem as reticencias pudicas do *católico*...

Pg. 261: "— Então, seu *côrno,* você pensa que me bota o pé no pescoço!".

Repetição de uma frase estilistica das "Reflexões duma cabra".

Pg. 267: "E levantou-lhe um punhal sobre a cabeça: — Pu!... Êle ia repetindo: — Pu...!"

E' o que se chama um desafôro pela metade... um desafôro engasgado...

No pequenino trecho que se vai lêr, sente-se admiravelmente o *espírito católico* do senhor José Americo. Admiravelmente!

Pg. 24: "O Direito Romano (católico, apostólico, romano...) do professor Neto. (Em Roma só havia o Papa...) Trocára a luz da inteligencia por duas velas acesas: uma ao *Corpus Juris,* conservado na *agua-benta* do mestre, e a outra ao inferno filosófico do doutor Laurindo..."

Lendo-se "A Bagaceira" com atenção, conclúe-se pela preocupação coprónima (*Koprónyma*) do seu autor ao lado de não menor preocupação caprónima. Examinemos a primeira, a coprónima:

Pgs. 40-41: "Você não viu nada! Que dirá se fôsse no inverno. A gente cisca em cima da formiga preta que faz gosto. E o pé fica um rebôlo. Pensa que é mais que andar escanchado?... Pensa que *mijo de padre é santos oleos?...*"

Os grifos são sempre nossos *et pour cause.*

Pgs. 42-43: "Levado á presença do senhor de engenho, êste ordenou ao feitor: — Lambuze o trazeiro com mel de furo e assente no formigueiro... E, ali mêsmo... o cabôblo grunhiu e *mijou-se...*"

Pg. 119: "A almanjarra ronceira, á pachorra das juntas fatigadas, era o simbolo diuturno da rotina empeciva. Traçava, inalteravelmente, a mêsma circunferência na *bosta de boi.*"

Pg. 120: "A moagem ia, por assim dizer, de meia noite a meia noite. Os eixos frouxos vomitavam o bagaço maior do que a cana engolida e *mijavam* um fio de caldo no parol..."

Pg. 127: "Afinal, largou a presa, levantou a perna e *fez a sua necessidade* em cima dela..."

Pg. 177: "O chão cheirava a urina velha."

Pg. 180: "Sorvia o ar que cheirava a *mijo* de vaca."

Um dos carateristicos da literatura comunista é a predileção por liquidos infectos. Um romance padrão dessa literatura no Brasil é o de Jorge Amado: "Suor". A "Bagaceira" bem poderia, em vista das citações aqui feitas, crismar-se, sem desdouro, em "Urina"...

Examinemos a segunda preocupação, a caprónima:

Pg. 68: "...par bebedo de perfumes que profanava o pudor da alameda aromal."

Quem vê cara não vê coração. Quem observa a sisudez do sr. José Americo não é capaz de avaliar que profunda sensualidade se recalca freudescamente no seu intimo. Suas narinas respiram continuadamente o trescalar do sensualismo mais material e baixo dêste mundo. E' o seu estilo-sangue que o trái. Sente-se que tem prazer em descrever com a maior crueza o amor bestial, a devassidão, os instin-

tos desaçaimados. Imaginação depravada, libidinosa! Não vê outra face da vida com olhos tão maravilhados. Não cheira outro cheiro senão o *odor di femmina.* Impregna com êle a atmosfera do seu romance. Impregna-se com êle até á alma. Será que o levará para o Catete?...

Vamos ás provas:

Pg. 75: "Lúcio conhecia a história da libertinagem das sêcas — a exploração bestial da carne magra. O gôso contrastante das mulheres desfeitas, corrompidas pelos fétidos sintomas da fome. O estomago exigia o sacrificio de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas. Tudo era vendido pela hora da morte; só a dignidade se mercadejava a baixo preço. Meninas impúberes com os corpinhos conspurcados. Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalháu ou um brote duro."

Pgs. 88-89: "Meninotas modeladas como mulheres feitas, com os peitos apojados de feminilidades indiscretas que lhes escandalizavam a propria inocencia. Mulatinhas de labios rôxos, como se tivessem sido mordidos, vivas e engraçadas, á espera do amor putrefactorio. E as negrotas oleosas, borboletas escuras, com cravos vermelhos no seio, como a carne acêsa

em brasas. Como noites disparatadas de sol ardente."

Que fera o romancista! Nada lhe escapa ás narinas palpitantes e aos olhos em fogo: nem meninotas, nem mulatinhas, nem negras! E que disparate de marca essas noites disparatadas de sol ardente!...

Pg. 99: "A cachaça ia pegando fogo á sensualidade mestiça. Chocavam-se os peitos eriçados. Barrigas sumidas procuravam encontrar-se na ironia das umbigadas. Agitavam-se, aos saracotes, as côxas freneticas, nas agarrações dos pares safadissimos, os homens de cabeça levantada (?) e as mulheres cabisbaixas. E revelavam-se as excelências plásticas (?) nessa desordem de músculos (?) de alguns tiparrões excepcionais (?). Donzelas equivocas da redondeza acodiam ao estalo dos dedos, com que se chama aos cães."

Semeamos o texto de interrogações. Elas marcam os indecentes *subentendidos* do escritor.

Pg. 152: "As que vinham chegando (lavadeiras) desatavam com as trouxas um mundo de intimidades. Cada vestido era a impregnação dum corpo. Havia panos sujos de almas..."

Pg. 186: "Era a chama dos amores brutais... Enchiam as panças já que não podiam

encher os estomagos. Mulheres extraordinarias! Filhavam uma e, não raro, duas vezes por ano... Amplexos de corpos moídos. Procreações desastradas. Fabrica de anjos. A fecundidade frustrada pela miseria e pela morbidez geral. E meninotas transformadas em peitos, carregando o peso dessas sensualidades improvisadas..."

Pgs. 203-204: "Premeditava um beijo longo, profundo, um chupo doido que lhe désse o gosto do coração. E sobrevinham-lhe as dúvidas... Onde?... Como?... Começaria pelos dedos ou, melhor, pelas unhas. Se não relutasse, subiria pelo braço; e, se gostasse, na testa; e, se anuisse, nos olhos — sim, fechar-lhe-ia os olhos com muitos beijos, para, então, de surpresa, beijá-la, bem beijada, na bôca. Um beijo que lhe deixasse a cicatriz nalma. Queria sorver-lhe o aroma carnal que se bebe em beijos."

Que flautista! Que escala musical! Ela já havia sido resumida antes, á pg. 147: "O estudante baixou a vista para não encarar os relevos da carnação florescente que solicitava um acesso de beijos da cabeça aos pés." E o rapaz gostava disso, como diz á pg. 243: "Enfarado das mulheres superfinas que civilizavam o sexo..." Nada de civilizar o sexo! O senhor José Americo gosta mêsmo é da fruta do mato

com cheiro do mato, até com almiscar. Vejamos como sorve, de narinas frementes, êsse *aroma carnal* no seu *estilo-sangue* (de bóde).

As 142: "Sorvia o ar, farejando-lhe o almiscar virginal."

As personagens do sr. José Americo teem um olfáto *danisco,* sorvem tudo: o mijo de vaca (pg. 180) e o almiscar virginal (pagina 142)... Que bóde!...

Pg. 287: "..lhe colheu a camisa, toda impregnada de cheiro virgem."

O reverendo páraco de São Cristovam, padre Manuel Gomes, escreveu no dia 24 de Setembro uma carta ao "Correio da Manhã", declarando reconhecer, em sã consciência, no sr. José Americo um católico verdadeiro. Desejariamos que o referido vigario nos dissesse se aconselharia ás familias dos seus paroquianos a leitura dos livros escritos por êsse católico...

E' um católico que só vê na natureza o mais deslavado sensualismo. Não olha, não pensa, não descreve outra cousa.

*Sensualismo nos animais*:

Pg. 153: "Se os homens se comportavam assim, como os bichos de sua convivência, nas cenas de fecundidade da fazenda, por que Lú-

cio, que a seguia por toda parte, como o marroá acompanha as vacas solteiras, não lhe dera ainda um sinal dessa animalidade?"

Pg. 166: "Ela ia, de fáto, banhar-se, ás noitinhas. E ria, escandalosamente, quando as piabas famintas, como as pirambebas do rio do Peixe, lhe beliscavam as côxas pubescentes."

Pg. 178: "A canzoada magerrima juntava-se no faro do cio..."

Pg. 283: "Via os animais jocundos nos escandalos da reprodução. As novilhas núbeis dando-se aos touros patricios; *o pai de chiqueiro em libidinagens olfativas;* o carneiro gemebundo com o pescoço alongado no lombo da marrã pudíca..."

*Sensualismo nos vegetais*:

Pg. 161: "Não é o cacho que vem saindo?... A bananeira está parindo..."

Pg. 166: "Apontava as macaíbas bojudas com comparações indiscretas, etc., etc.... Tudo com a simplicidade de quem nascera e crescera, vendo o curral pegado á casa."

*Sensualismo panteista*:

Pg. 247: "A noite branca, em camisa, tinha um peito apojado de fóra, a vasar-se em

goteiras de luz... A noite núa, sem o *maillot* de nuvens, nas negligencias da solidão, tomava um banho de leite."

O' Freud! O' Freud!...

Pg. 206: "De noite, rebolava-se na cama. Não se lembrava dêle, mas sentia que lhe faltava alguma cousa..."

O' Freud! O' Freud!

Pg. 239: "Lembrava a inocencia com que lhe saltava nos joelhos, no tempo em que a tomava nos braços, *nuinha* e *tenra,* como um *querubim-menina,* dêsses que não sáem do céu, nem para as *estampas bentas.*"

Os grifos dão bem a medida do espírito católico do sr. José Americo... Poderá haver politica da *main tendue* entre a Igreja e Freud?...

Quais os resultados de tanta sensualidade expressa em linguagem tão baixa?

1.°, *o apodrecimento espiritual,* revelado á pg. 250: "...a alma lhe tinha apodrecido dentro como um feto morto." E, tambem, através da pag. 302: "E êle teve nôjo dessa bôca que lhe parecia uma ferida aberta, com ressaibo de beijos pôdres."

2.°, *a concepção materialista, anti-cristã da familia,* revelada nêste pensamento da pagi-

na 250: "Nós compramos as mulheres perdidas e as mulheres honestas nos compram. E' o regime instituido pelos interesses sexuais." E nêste quasi incesto da pg. 265: "Meu pai desonrou minha familia, prostituiu minha prima, tomou minha noiva!... Êle sabia que o coração não é capaz de renuncias; mas tambem devia saber que o pai póde disputar tudo ao filho, menos o seu amor que é um direito da idade."

3.°, *o negativismo com que finaliza o romance,* disfarçadamente, na concepção naturista do tempo e da procreação, segundo a pagina 323: "A inscrição estava meio desfeita pelo atrito das hastes — EDADE — CIO. Tinham desaparecido as primeiras silabas. Só as ultimas permaneciam, com um sentido diverso, indiscretamente, numa denuncia significativa — EDADE — CIO... Era o passado que revivia na expressão mais suspeita dêsses dois nomes próprios comidos pelo tempo que, irônicamente, deixára de preservar as letras iniciais: — SOL — LU..."

E' um paganismo sibilino: o Tempo e a Fecundação, o Sol e a Lua, Apolo e Diana. Isso parece-se tanto com espirito cristão como um ovo com um espeto. Isso é o naturismo ma-

niqueu e gnostico das lojas do BÓDE PRETO...

Por isso, a idéa do *comunismo* bimbalha sempre na cachola do romancista, hoje candidato protegido por Moscovo e auxiliado pelos judeus.

Pg. 59: "Solidarizavam-se essas arvores familiares no COMUNISMO DOS FRUTOS...".

Pg. 246: "Era um bando de anuns no mêsmo ninho com a alegria dêsse COMUNISMO AMOROSO."

*Comunismo de frutos e comunismo de amor!* Só os imbecis não comprenderão aonde quis chegar o sr. José Americo através do seu romance. *Comunismo da produção e comunismo da familia!* As rodinhas vermelhas de fundo de livraria logo compreenderam *a senha* e fizeram uma *claque* que preparou o exito da "A Bagaceira". Portanto, dêsde 1928, o candidato majoritario já trazia agua no bico...

Por isso, o fecho absolutamente comunista do romance. Leiamo-lo:

Pgs. 330-331: "A vossa submissão (da massa trabalhadora) era filha da ignorancia e da miseria. Eu vos dei uma consciência e um

braço forte para que pudesseis ser livres (?). Relanceou a vista pela paisagem do trabalho organizado (?). Só a terra era dócil e fiel. Só ela se afeiçoou ao seu sonho de bem estar e de beleza (?). Só havia ordem nessa nova face da natureza (?) educada por sua sensibilidade construtiva. E recolheu-se com um travo (?) de creador desiludido: — Eu criei o meu mundo; mas nem Deus pôde fazer o homem á sua imagem e semelhança..."

São as derradeiras palavras do livro. Negam de forma definitiva o dogma da Igreja. O *travo* que aí se vê talvez seja aquêle *travo da época moderna* existente na sua fé, conforme disse o padre Manuel Gomes. Na verdade, é um travo muito amargo, muito forte, tanto assim que faz sair de sua pena essa profissão de fé comunista: o homem capaz de crear sozinho o seu mundo, divinizado; Deus incapaz de fazer o homem á sua imagem e semelhança, isto é, Deus rebaixado perante o homem. E' o que está escrito dêsde 1928, em seguimento ás anti-cristãs e anti-clericais "Reflexões duma cabra". Quais serão, portanto, as razões de sã consciência que levaram o citado sacerdote a atestar de público a catolicidade do senhor José Americo? Devem ser, naturalmente, muito respeitaveis. Todavia, os escritos do

antigo ministro da Viação enchem de dúvidas mortais os corações dos verdadeiros católicos.

De 1922, época da saída de "Reflexões duma cabra", até 1928, época da de "A Bagaceira", o espirito do sr. José Americo não mudou. O segundo livro comprova o mêsmo modo de pensar, em tudo, do primeiro. Nêste, êle não esqueceu nem mêsmo a preocupação com os bódes que recheára admiravelmente áquêle:

Pg. 28: "Eu dou cabo desta joça!... Hoje aqui fede a chifre de bóde."

A expressão popular verdadeira é *feder a chifre queimado*. Porque, geralmente, os chifres só fedem quando queimados. Mas o senhor José Americo traz tão continuamente o bóde no pensamento que até aí escorregou...

Pg. 149: "Éfebo sadio, se tinha algum pituim, era o *bodum* do chiqueiro."

Pg. 249: "Lucio continuou a viver jururú, como um *bóde doente*."

Pg. 283: "...o *pai de chiqueiro em libidinagens olfativas*..."

Sái, BÓDE PRETO!...

Precisamos recorrer a uma literatura estrangeira para encontrarmos qualquer cousa

que dê idéa do estilo-sangue do sr. José Americo. Comparavel com o estilo de "A Bagaceira" só o do novelista cubano Manuel A. de Carrion. Leiamos um de seus trechos bagaceirais:

"El antropófago gorila, con su dúplice y errática vida, de la noche y el dia, por los yermos africanos, muestra el dualístico eremita...

La orgía dionisíaca, semejante a um diorito insólito, embadurnante de la nítida sociedad, disénala, en asonántica paridad, la mónada acuática, con su carencia vegetativa de erubescencia, y con su palor emético en la sensualidad...

El auranciáceo ser orgánico, con su eternal porráceo, es el simbólico y ductilísimo signo arboriforme del vejancón pirrónico, en su pubertad senil y drástica, babeante de las Driades sociales...

Las metáforas estrambóticas y acuóreas ricas en eufonías elegíacas, creadas de um modo eneomático, esbozan la efémera nectárea del placer...

La natura holohédrica, y versicolora, es el artificio odocráfico-único trípice-carente, por disunica rareza, *de madre*.

En la disimbólica metamórfosis undísona de la Natura sátrapa, en su festín errátil, la luna ríe en su nódico punto; los prehistóricos muertos, en eurítmico danzoneo dendrítico, resucitan fanfánicos; los onagros asiáticos, inverecundos rábidos hasta en el mirar randónico, alinan, en coro amorfónico, al fósil Mamut sibérico en su gratulatorio alógico."

A isto se denomina em literatura, com todas as letras: ESTILO DECADENTE.

# CONTRASTES E CONFRONTOS...

O sr. Jurací Magalhães disse:

"A voz de Armando de Sales Oliveira, pela grandeza, suntuosidade, riqueza e claridade, parece a propria voz de S. Paulo convertendo os infieis, emendando os perjuros, orientando os transfugas, esclarecendo os ímpios, fortalecendo os tíbios, estimulando os indiferentes, e, sobretudo, reunindo e congregando todas as grandes vozes, todos os bons brasileiros para um h i n o vibrante á democracia, nacionalismo e federação, como o trinomio fundamental da organização do Estado Brasileiro".

---

(Palavras do governador Jurací Magalhães, no discurso de 30 de outubro de 1936.

O sr. Jurací Magalhães disse:

"A sua voz amplificada pelos vibrantes aplausos da população carioca, e c o o u nos corações brasileiros como novas clarinadas de vitoria. Cada discurso seu conquista multidões de novos adeptos e define melhor o sentido brasileiro de sua candidatura. Vivas congratulações. — (a.) Jurací Magalhães".

---

(Telegrama dirigido ao sr. José Americo em data de 1.° de agosto corrente).

Pergunta indiscreta: — Em qual dos dois telegramas o sr. Jurací Magalhães falou a verdade?...

## COMO O SR. J. E. DE MACÊDO SOARES JULGAVA O SR. JOSE' AMERICO

"O romancista da pasta da Viação, mêsmo no seu Estado, é uma novidade politica.

Fôram uns rapazes, aqui no Rio, que ha apenas alguns mêses, o investiram de credenciais de cabo revolucionario.

. . . . . .

Mas tudo isto não faz do literato de campanario um estadista com o saber e a experiencia para colaborar num posto de governo, na obra de reconstrução nacional.

Fique sabendo o eminente sr. Getulio Vargas que as novidades e curiosidades da pasta da Viação já constituem a nota alegre do seu ministerio.

Nos tempos hipocondriacos que correm, não poderemos perder um traço de bom humor.

Prevenimos ao publico que vamos acomnhar de perto as aventuras do senhor José Americo."

Trecho de um artigo assinado pelo senhor J. E. de Macêdo Soares, publicado no "Diario Carioca", de 9-12-1930.

Hoje, os dois Macêdo Soares, o senador-jornalista e o ministro, estão com o sr. José Americo e o elogiam. O sr. José Americo conta com o apoio do sr. Geraldo Rocha, o homem da *nota,* que chamou aos dois Macêdo Soares

íncubos ou súcubos ou cousa que o valha. Que saco de lobis-homens!...

**ONTEM...**

No dia 10 de setembro de 1932, o sr. Lima Cavalcanti dirigiu ao sr. José Americo o seguinte telegrama: — "Ministro José Americo de Almeida — Rio — Continuando no firme proposito de atender ao compromisso que assumi perante os meus meus leais companheiros interventores do Norte, em apelo que tambem lhe foi dirigido e que pouco lhe importa, como declarou, tenho a dizer-lhe que, logo após a jugulação do movimento subversivo de S. Paulo, demonstrarei á Nação **quem é o que vale o seu atual ministro da Viação.** Essa demonstração eu a farei, como prometi, independente de qualquer repto, de nada valendo o que me acaba de fazer, por quanto **lhe falta autoridade moral para tanto,** dêsde que se recusou a publicar a relação discriminada das verbas distribuidas para os serviços contra as sêcas, especificando quanto coube a cada Estado. Por enquanto estou preparando tropas para a defesa da revolução, unico assunto que nos deve preocupar na hora presente. Não tenho receio de que o seu passado, dêsde o tempo em que foi chefe politico de Arêas, **tão cheio de deslises,** um dos quais veiu logo citado no seu telegrama, como antecipação somente explicavel em que sente ainda culpa, não será devassado. Somente pôde interessar a sua atuação depois de vitorioso o movimento de 1930, quando conseguiu iludir-me, o que deu motivo aos meus telegramas de aplausos, e iludir o país, que já hoje o conhece um pouco. Assim, todos os nossos compatriotas já o conhecem como **presa de uma vaidade inegualavel** que agride a todos os companheiros, com a intenção clara e incontestavel de se tornar o chefe politico do Norte, **sonhando com o sistema da Republica velha.** A sua crise de exibição e de força culminada com o convite que acaba de fazer á imprensa carioca, afim de que envie representantes para uma visita ás obras contra as sêcas, esquecido de que tem sido sempre sua preocupação declarada a de que essas obras sofram apenas exame de técnicos. Tambem para armar efeito é a sua afirmativa de que deixará o ministerio da Viação, quando, acusado, não puder defender-se. **Onde foi publicada sua defesa sobre o emprego dos dinheiros da Nação destinados a uma distribuição equitativa entre os Estados sob o flagelo da seca?** Nem me intimida a sua frase final de quixotesca ameaça, porquanto bem deve saber que me encontrará sempre disposto a defender-me e a defender os interesses de Pernambuco em qualquer terreno.

— (a) **Carlos de Lima Cavalcanti".**

**HOJE...**

No dia 28 de Julho de 1937, o governador Lima Cavalcanti enviou ao ministro José Americo o seguinte telegramma:

"Estando noticiada a sua presença na Baía, aproveito a oportunidade para reiterar o convite feito por intermedio do deputado Severiano Mariz para que o **ilustre amigo** visite Pernambuco, que lhe prestará, nessa ocasião as **homenagens merecidas**.

O seu nome alcançou nêste Estado **alta repercussão** que dom a sua visita constituirá **verdadeira consagração** á causa nacional pela qual estamos empenhados.

Aguardo a sua resposta, enviando **cordial abraço**". — (a.) **Carlos de Lima Cavalcanti**.

A assinatura dos dois telegramas é a mêsma, é a do mêsmo senhor! Ninguem duvide! Foi, *assim,* que o sr. Lima Cavalcanti cumpriu a sua promessa de demonstrar á Nação *quem é e o que vale o sr. José Americo. Both together...* dize-me com quem andas...

Como o sr. José Americo se tenha anunciado como uma espécie de enviado do Senhor do Bomfim, os seus turiferarios publicaram no Norte um Padre Nosso a seu respeito, a que

um Integralista cearense respondeu com um Credo. Confrontamos os dois documentos:

## PADRE NOSSO ELEITORAL

*José Americo que estais no Rio,*
*Glorificada seja a vossa candidatura;*
*Venham a nós as vossas forças.*
*Vitorioso sejas nas eleições,*
*Assim no Norte, como no Sul.*

*Do pão nosso de cada dia, baixai o preço;*
*Castigai os traidores com o desprezo,*
*Assim como nós perdoamos o Dr. Armando*
*(Sales.*
*Não nos deixeis cair nas mãos do comunismo*
*E livrai-nos tambem do Integralismo. Amen.*

## CREDO INTEGRALISTA

*Creio no Integralismo todo disciplinado e forte, Creador da sublime mistica da Pátria; em sua doutrina pura e filha de um idealismo construtor, a qual foi concebida por obra e graça do maior dos brasileiros. Plinio Salgado; nasceu do verdadeiro espirito de Brasilidade; padeceu sob o poder inícuo e quixotesco de Jurací Magalhães; foi crucificado, morto e sepultado na vontade dos Judeus, epicuris-*

*tas, gozadores comunistas e aproveitadores das posições rendosas; desceu ao inferno da Liberal-Democracia e de lá, depois de cinco anos de evangelização civica, ressurgiu ás sãs energias do Brasil e com elas subiu aos Céus para receber as bençãos de Deus Todo Poderoso e saber com serenidade julgar os inimigos da Pátria, vivos e mortos.*

*Creio no espirito Cristão e nacionalista do Sigma; na organização e na Fé robusta dos Camisas-Verdes; na comunhão sem divisões partidarias de todos os brasileiros; na remissão de compromissos leoninos e opressores; na Ressurreição da Justiça Social e na vida harmoniosa e feliz da Quarta Humanidade.*

*ANAUÊ!*

## OS JUDEUS, OS COMUNISTAS E O SR. JOSE' AMERICO

A 18 de Agosto de 1937, os jornais anunciavam o seguinte:

"As autoridades policiais argentinas, depois de uma busca, fecharam 11 escolas israelitas, das quais quatro estão situadas na provincia de Buenos Aires.

Os professores dessas escolas pregavam aos alunos a ideologia comunista.

A policia prendeu os professores e confiscou o material de propaganda subversiva."

Farinha do mêsmo saco, judaismo e comunismo se irmanam na luta contra a civilização cristã e a atual ordem social. Não foi esta a primeira vez que a policia portenha teve de fechar escolas judaicas propagadoras do comunismo, o que já documentámos no nosso livro "Judaismo, Maçonaria e Comunismo".

No mêsmo dia 18, a imprensa noticiava isto:

"O Centro Israelita Brasileiro comunicou ao sr. José Americo que vai intensificar o alistamento eleitoral, no seio da colonia em favor da sua candidatura."

E acrescentava que o Centro Israelita contava já com cinco mil eleitores, isto é, com cinco mil judeus, cinco mil estrangeiros inassimilaveis e anti-cristãos, exercendo o direito de votar no nosso pobre país!

Estampamos aqui um documento comprobatorio do que sejam as atividades israelitas. Fomos buscá-lo no "Diario Oficial", fôlha que bem pouca gente lê. Êle demonstra que a religião dos judeus é simples disfarce de seus negocios. Êles respeitam tanto o seu templo que dêle fazem *casa de negocio*. Já no tempo de Jesus, Êle expulsou os vendilhões da casa de Seu Pai. Continuam nela. Leiamos o "Diario Oficial" de 20 de Janeiro de 1937, n.° 1.671:

"*Banco Israelita Brasileiro.* Assembléa geral ordinaria. — São convidados os senhores acionistas a se reunirem em assembléa geral ordinária, *no Templo Israelita,* á avenida Valadares, esquina de Tenente Possolo, no dia 18 de Fevereiro proximo, ás 16 horas, afim de de-

liberarem sobre o relatório, balanço, parecer do conselho fiscal e prestação de contas relativas ao ano proximo passado, bem como para se proceder á eleição do conselho fiscal, conselho consultivo e suplentes do conselho fiscal.

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1937. — *A diretoria.*"

Imagine-se, se as assembléas gerais dos bancos em que ha acionistas cristãos se realizassem nas igrejas, o que não diriam os judeus do clericalismo!... Pois bem, a Sinagoga dêles serve para isso. Dêsde o deserto, o *Povo Eleito* adora o Bezerro de Ouro...

O *Povo Eleito* está com o sr. José Americo. A Nação, porém, começa a despertar em relação á questão judaica. Ainda a 13 de Abril de 1937, a "Gazeta" de S. Paulo, estampava esta nota sugestiva:

"ALGO QUE SE SENTE, MAS NÃO SE EXPLICA. — *Afirma-se categoricamente que, nêstes ultimos tempos, fixaram-se no Brasil nada menos de oito mil judeus alemães. A informação nos vem, com visos de segurança, dos Estados Unidos, pela palavra autorizada de um advogado berlinense que por aqui andou excursionando. E a informação, se erra, é para menos, pois a afluencia de judeus em São*

*Paulo é cousa que ultimamente se faz "sentir" independente de qualquer calculo. O pequeno comercio vai rapidamente caindo em mãos dos semitas, que geitosamente alijam os nacionais e outros estrangeiros. Por toda a parte se começam a ler taboletas com nomes caracteristicamente judeus. Sabemos de fonte segura que, por exemplo, no Ginasio do Estado desta Capital, quarenta por cento dos alunos são judeus! E grupos escolares ha, como o do Bom Retiro, que, nos sabados, têm uma enorme quebra de frequencia por ser êsse o dia de repouso israelita.*

*Só póde, pois, errar para menos a informação do dr. Bruno Weil. Nós já "sentimos" palpavelmente a intensa penetração judaica. Mêsmo porque só assim, pela entrada de capitais judaicos, se explica a relativa melhoria de nosso cambio.*

*Não é que sejamos partidarios do anti-semitismo de Hitler. Mas não nos podemos furtar a certas considerações em torno desse fenómeno migratorio. O tempo dirá se no computo geral das vantagens e desvantagens, ser-nos-á proveitoso, sob o ponto de vista social, religioso e racial, êsse intenso coeficiente imigratorio.*

*Cabe-nos, entretanto, estranhar que, não sendo possivel a entrada de imigrantes sinão*

*em pequenissima escala proporcionada, haja conseguido penetrar rapidamente no país um contingente tão numeroso, tão sensivel de judeus. Se governos de nações como a Suissa não conseguem introduzir no Brasil senão insignificante numero de individuos que se destinam exclusivamente á lavoura, como se explica se hajam insinuado tantos judeus a se fixarem nas Capitais onde vão empolgando o comercio?*

*Ha nisso algo de obscuro que se prestaria a interpelações parlamentares, se a politica não ocupasse tanto as atenções dos legisladores nacionais.*"

Isto, num jornal burguês e sem a menor civa de anti-semitismo, é alarmante. O Brasil está inundado de judeus, que entram misteriosamente. Enchem as escolas e agitam-nas, figurando como estudantes brasileiros e gozando o ensino gratuito custeado pelo nacional escorchado de tributos; contam milhares de eleitores, todos Zéameriquistas...

O caso em apreço veiu mostrar as preferencias judaico-comunistas pela candidatura do autor das "Reflexões duma cabra". Seu caráter francamente esquerdista já não ilude a ninguem. O simples fáto do sr. João Mangabeira haver cognominado o candidato dos 18 governadores "Léon Blum brasileiro" é bem

expressivo para que não reste qualquer duvida. O Komintern determinou aos comunistas brasileiros se dividissem entre as duas candidaturas liberais, porém fizessem todo o esforço pela do senhor José Americo, afim de se alcançar mais facilmente um governo do tipo "frente popular". Oferecemos além da prova da adesão dos judeus, a lista de comunistas que apoiam o senhor José Americo:

*Hercolino Cascardo,* presidente da Aliança Nacional Libertadora, implicado no movimento de 1935 e julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional.

*Roberto Sisson,* da direção da Aliança Nacional Libertadora, implicado na revolução de novembro de 35 e julgado pelo T. S. M.

*João Mangabeira,* implicado na revolução de 35 e julgado pelo T. S. N.

*Jurandir Magalhães,* membro proeminente da Aliança Nacional Libertadora.

*Mauricio de Lacerda,* implicado no levante de 35 e julgado pelo T. S. N.

*Hermes Lima,* implicado no levante de 35, afastado por êste motivo do magisterio publico;

*Castro Rebelo,* conhecidissimo ha longos anos como marxista, implicado no levante de 35, afastado da catedra por êsse motivo.

*Leonidas de Rezende,* professor muito conhecido por suas idéas esquerdistas, afastado da cátedra pelo mêsmo motivo.

*Domingos Velasco,* membro da Aliança Nacional Libertadora, implicado no levante de 35 e julgado pelo T. S. N.

*Castro Afilhado,* excluido do Exercito por professar idéas esquerdistas.

*Azevedo Lima,* um dos mais antigos comunistas do país, com varias passagens pela policia, por êsse motivo.

*Estacio de Lima,* presidente da Aliança Nacional Libertadora na Baía.

*Walter Pompeu,* lider da Aliança Nacional Libertadora, implicado no levante de 35, julgado pelo T. S. N.

*Gilberto Freire,* conhecido da policia pernambucana, como inteletual marxista e incentivador de greves.

*Carlos de Lacerda,* membro da Aliança Nacional Libertadora, agitador comunista nos meios universitarios.

*Jorge Amado,* romancista esquerdista, membro da Aliança Nacional Libertadora.

*Giraldes Filho,* implicado no movimento de 35 e chefe do Partido Socialista de S. Paulo, agitador do grupo de Miguel Costa.

*Caio Prado,* presidente da Aliança Nacional Libertadora em S. Paulo.

*Oscar Noblat,* deputado classista, conhecido por suas idéas marxistas e sua atuação esquerdista.

*Barbosa de Melo,* conhecido comunista fichado pela policia de Buenos Aires.

*Laura Brandão,* funcionaria dum departamento tecnico da U. R. S. S. e que transmite ás quintas-feiras, pela Radio de Moscovo a palavra de ordem de Stalin, para que seja sufragado o nome do sr. José Americo.

*Moesia Rolim,* membro da Aliança Nacional Libertadora, implicado no levante de 35 e julgado pelo T. S. N.

Naturalmente, graças ás adesões de judeus e de comunistas, foi estampado e distribuido êste prospecto sensacional:

**TRABALHADORES!**

**NACIONALISTAS!!**

Concentrai-vos, entre as 3 e 4 horas da tarde Sabado, dia 31, na Praça 15, junto a estatua General Osorio, envergando

**Macacão de Trabalho**

para o desfile no

**Comicio do DR. JOSE' AMERICO**

Justamente num *sabado* fôram, desta sorte, convocados ao comicio do candidato do comunismo os operarios *nacionalistas* e *democratas*. Essa convocação se fez, como mostra a gravura, sob o simbolo disfarçado e estilizado da *mão fechada,* da *foice* e do *martelo*.

Quem tiver olhos para vêr veja...

E quem tiver olhos para lêr leia o Manifesto do sr. João Mangabeira, proclamando sua adesão ao sr. José Americo. Nêle compara o autor das "Reflexões duma cabra" ao chefe comunista francês Léon Blum, afirmando que o

espirito do candidato dos governadores é um "espirito da esquerda". E êle, João Mangabeira, sendo um homem "declaradamente da esquerda", fica naturalmente com êsse candidato.

No governo — adeanta o sr. João Mangabeira — o sr. José Americo será "centro", porque o governo é e será sempre o equilibrio das forças sociais. "O seu lugar é, pois, fisicamente, no centro, AINDA QUANDO ESPIRITUALMENTE SEJA DA ESQUERDA. Êsse o papel de José Americo na hora presente".

Os judeus, por tudo quanto ficou dito, apoiam com seu rico dinheiro, talmüdicamente roubado aos cristãos, a candidatura do sr. José Americo. Prova-o o seguinte telegrama enviado ao candidato majoritario e estampado nos seus jornais a 22 de setembro:

"Incumbido pelo *Comité de Propaganda da Colonia Israelita,* parto para São Paulo, *afim de coördenar* a populosa coletividade *em prol da candidatura de V. Exa.* Saudações. (a) *Marcos Constantino*".

E' o cúmulo.

Com que direito essa *colonia estrangeira* assim se intromete na sucessão presidencial?

Com que direito os judeus tomam partido na politica interna do Brasil?

Se a colonia alemã, a portuguêsa ou a italiana fizessem isso, que não diriam os jornais vermelhos e amarelos? E é o sr. José Americo que tem o topete de chamar o Integralismo estrangeirado!...

---

## SOTTISIER AMERICANO

Dos discursos de propaganda do sr. José Americo resolvemos respigar os *angús de caroço,* as charadas e as cousas sem pé nem cabeça, para elucidação de nossos leitores a respeito da mentalidade do consagrado autor das "Reflexões duma cabra", livro com que será transferido á imortalidade.

### DO DISCURSO NA ESPLANADA DO CASTELO:

"O B-a-ba não adeanta. Poderemos aparelhar nosso futuro até com gerações de analfabetos. O que mais falta, porem, é a escola que ensina a lêr e a escrever".

Falta justamente aquilo que não adeanta?

"Minhas soluções são primarias".

Soluções primarias resultam de inteligencias primarias...

"A melhor fórma de abafar os gritos de revolta é encher a bôca dos famintos. Ninguem grita de bôca cheia. Os pobres comem pouco".

Tres asneiras em tres linhas.

"O que mais desejei, o que mais pedi, o que mais creei foi a agua milagrosa".

Não terá sido o sr. José Americo o creador da fonte de Lourdes?...

"Conheço o Brasil de baixo para cima. Não tenho medo de subir, nem medo de descer. De cima saberei o que se passa em baixo; de baixo aprenderei a viver em cima".

Os quatro evangelistas eram tres: Esaó e Jacú... O resto está certo...

"A paisagem chata da cidade"...

Só se são os oculos do candidato que achatam a paisagem montanhosa do Rio de Janeiro...

"Cachos de casas, escadas de casas, escorregando umas por cima das outras... E panos velhos nos varais, como rasgados pelo vento, teem o ar de bandeiras festivas. Mas, de dentro, é um primitivismo miseravel. Faz de conta que é casa"...

Estilo dadaista e antropófago... de dentro de que? Dos panos velhos?...

"Dezenas de familias dentro de quatro paredes, uma promiscuidade de figuras mise-

raveis, pegando vicios, pegando doenças, pegando tudo".

Dezenas de familias dentro dum quarto não estão pegando, estão *pegadas,* grudadinhas umas nas outras, grudadinhos individuos aos individuos...

"Brigas de guris amontoados e as mães tomando dôres pelos filhos. Como ministro, eu nada tinha a vêr com isso".

Mas, como presidente terá — passará a policiar nas Favelas as brigas dos guris, não é verdade? Belo serviço!

"Pensei que poderia contribuir com a minha quota para melhorar as aperturas dessa superpolução comprida".

Fiquem sabendo os povos que ha duas especies de superpopulação: uma comprida e uma curta. Qual será a diferença entre elas?...

"Demos habitação ao pobre, não casa de cachorro. Seja pequenina, seja um figurino, mas seja de gente".

Naturalmente, Numa casa de cachorro mal cabe uma criança... Tambem num figurino como é que o pobre irá morar?...

"Não só a construção proletaria, como a moradia do funcionario, do comerciario, do bancario, do maritimo, do ferroviario, de todos os que não teem onde morar ou morrem de fome para pagar a casa".

A redação é asnatica. Mussolini construiu 750 mil casas para operarios e pequenos funcionarios. O sr. José Americo é contra o fascismo e quer, justamente, fazer aquilo que só o fascismo italiano até hoje realizou com ampleitude.

"E o dinheiro? E' facil. E' facilimo. Eu sei onde está o dinheiro".

Se não é uma ameaça comunista velada ás classes burguêsas, naturalmente o candidato conhece o Sésamo milagroso com que se abre a caverna de Ali Babá!...

Onde será que está o dinheiro?

Dolorosa interrogação...

"Viam-se casas no escuro. Donas de casa não tiravam o ôlho do interruptor, acendendo e apagando, apagando e acendendo".

As casas estavam no escuro, mas se iluminavam e apagavam graças ao ôlho das donas que não saía do interruptor... Credo! Que ôlho!...

"Quando a cidade se ilumina com o Cristo Redentor faiscando no alto, envolto nos raios de luz que lhe presenteei, sinto uma grande claridade na consciencia".

E' uma consciência sui-generis que só funciona quando a cidade se ilumina. Foi êle, o autor das "Reflexões duma cabra" e o Enviado do Senhor do Bomfin quem presenteou

a luz ao Cristo. No dia em que subir ao poder, se continuar nessa marcha, acabará afirmando ser Deus Padre. Não seria o primeiro...

"Os desastres da Central do Brasil eram hecatombes terriveis, com os montões de corpos espatifados e muitas risadas nos teatros populares onde a Central não chegava atrasada".

Que o leitor entenda, se puder...

"Meu sentido nacionalista não podia recusar essa assistencia a um povo atolado na podridão".

Somente êle não se atolou nessa podridão, o Incorruptivel! Robespierre tambem foi o Incorruptivel. São êsses os peores...

"O amarelão mudara a côr da vida".

Qual será a côr da vida que o amarelão muda?

"Sem um caroço de milho ou de feijão".

E' o caso de perguntar ao sr. José Americo se banana tambem não tem carôço. Quem achou caroço em feijão e em milho deve achá-lo em banana tambem...

"Por que morrem tantos meninos? Pela ordem natural das cousas, o primeiro gesto do homem de governo deveria ser curvar-se sobre os berços da pobreza para evitar que as crianças cresçam doentes".

O sr. José Americo acabará dando de mamar... Rival da Mãe Preta...

"Mas o dia de amanhã é o nosso peor dia, porque não chega nunca".

Deve ser, com certeza, o tal dia de São Nunca de que fala o povo... O sr. José Americo descobriu-o...

## DO DISCURSO DO TEATRO JOÃO CAETANO...

"A propaganda que ides promover com a técnica mais idónea dêsse processo psicologico"...

A oração começa por essa charada novissima...

"Antes que o Brasil nos conheça, precisamos conhecê-lo..."

Sim, porque, se o Brasil o conhecer antes, não lhe dará um voto...

"Devemos sentir cada ambiente e cada alma, cada espirito e cada sentimento, para aprendermos a entrar e não a sair".

Entrar onde? No ambiente, na alma, no espirito, no sentimento?

"E' impossivel multiplicar com zeros".

O conselheiro Acacio foi quem descobriu isso. Sussurrou a descoberta ao Pacheco do Eça. Êste falou com Monsieur Homais e Mon-

sieur de la Palisse, os quais communicaram o segredo ao sr. José Americo. Para que? O homem não resistiu ás cócegas e revelou tudo...

"Falar a verdade é uma economia de palavras; é falar de uma vez por todas. Podem negar que é mais facil do que afirmar: a palavra dita estará sempre de pé".

Nem nexo tem...

"Só prometemos com fundadas esperanças e a intenção de cumprir a promessa, para que, se ela falhar, os prejudicados sejam os primeiros a nos fazerem justiça de que se tornou impossivel".

Chama-se a isso arranjar de antemão a saída para as promessas impossiveis...

Por isso:

"Mas não tenhamos medo de prometer..."

(?)

"Não toquemos o coração, quando se puder tocar a inteligencia que fórma, em vez da sensibilidade, a convicção que é inteligencia e coração".

Outra charada novissima.

"E a intriga, que é a mentira dos máus, não tem amigos, faz sempre dois inimigos".

Quais?

"Levanto a lanterna na mão, para todo o Brasil vêr, perguntando a quarenta milhões de habitantes escandalizados, como testemunhas

da derrama criminosa: donde vem o dinheiro?"

Que diabo! No outro discurso, o sr. José Americo não disse que sabia onde estava o dinheiro. Se sabe, por que pergunta onde está?

E' uma democracia espúria que só se lembra do povo para fazer elogios com o patrimonio moral de sua independencia. Que dá espetaculos de propaganda em comicios baratos, como se a consciência civica se nutrisse dos sobejos dessas dissipações".

E é essa *democracia espúria* que o sr. José Americo defende contra o Integralismo *estrangeirado,* como disse; e é essa *democracia-espúria* que quer governar?...

"Brasileiros, chegou a hora dos cauterios!"

E se insurge contra o oleo de ricino...

"E eu perdôo essa hostilidade que não tem eiva de odio: é a mão infeliz que se aluga, como se vendem outras partes do corpo".

Que partes? As bodescas, não?...

"Toda contradição é indicio de oportunismo".

Êste pensamento não serve nem para o Almanaque de Bristol. Póde haver muita contradição sem o menor oportunismo. Mais adeante, confessa ter combatido o P. R. P. de S. Paulo: Que oportunismo! Que contradição!

"A conspiração dos precedentes é a tragedia de quem se volta sobre si mêsmo".

Otimo para o album da senhorita que coleciona autographos... Confessa adeante ter combatido o P. R. P. de S. Paulo, "quando seus pontos fracos eram um sinal dos tempos". Que tragedia sobre si mêsmo!...

"Eu já disse que era o mais feliz dos candidatos. Tenho a meu lado governos e oposições: os elementos do poder constituido e os elementos contrarios que ajudam a construir um poder maior. Estudantes e operarios: a inteligencia do futuro que promete a renovação e a energia do trabalho que tambem quer renovar-se. Homens e mulheres: a consciência que age e o sentimento que se transforma em consciência. Ricos e pobres: a riqueza que não se esquece da caridade, a pobreza que não perdeu a esperança, todos os que têem fé. Brancos e pretos, porque eu não distingo a côr da pele, mas a das almas. Nacionais e estrangeiros, porque dos estrangeiros residentes no Brasil só exigirei que saibam tambem ser brasileiros.

E ha uma solidariedade mais fragil, que não é eleitorado, mas é toda a graça, toda a ternura, toda a alegria da minha campanha idealista. São os pequeninos, as crianças daqui e de fóra, que me procuram, me ouvem no radio, me mandam recados, me oferecem seus retra-

tos, me escrevem cousas erradas. Não me darão a vitoria, mas darão êsse encanto da inocencia para que minha vitoria seja ainda mais pura".

— Bemaventurados os pobres de espirito, porque dêles, será o Reino dos Céus!...

"Convoco todo o povo brasileiro para a união sagrada do nacionalismo de camisa de seda ou sem camisa, dos ricos e dos pobres, do nacionalismo que nasce e vive no Brasil. Não do Brasil de uma só côr, de um Brasil todo verde ou todo vermelho, de uma triste monotonia que contrasta com os seus maravilhosos matizes naturais. Mas o Brasil que, até na formação étnica, é *branco, preto e amarelo*. Do Brasil que no seu caldeamento se coloriu de uma beleza tão sua.

O paraiso das três raças fraternas não póde ser contra nenhuma raça".

Êsse Brasil branco, preto e amarelo é das arabias... E acabou defendendo a raça de Israel que o apoia. Amor com amor se paga.

"Brasileiros, fechemos as portas, que já ha, de parte a parte, salteadores de portas adentro".

Então, não vale mais a pena fechar as portas; é melhor deixá-las abertas e por os salteadores para fóra. Trancar-se com êles é perigoso...

"Organizemos o espirito de novas e velhas gerações".

Gerações velhas são as que passaram, as gerações mortas. O sr. José Americo será um novo Drácula ou um novo Zombie, que se servia de cadáveres para cultivar cana de açucar?...

"Todos os dentistas para uma raça que morrre pela bôca".

Será possivel que os brasileiros sejam todos peixes. O peixe é que, segundo a voz do povo, costuma morrer pela bôca...

"Uma máquina não precisa estudar..."

Lá que isto é verdade é mêsmo. Não ha quem se atreva a duvidar. Até hoje ainda não apareceu nenhuma máquina que precisasse estudar, nem aquelas que a gente diz que só faltam falar: a de linotipo e a de calculos. Até hoje tambem não havia ainda aparecido quem dissesse essa grave e eterna verdade com tanta seriedade, com tão aprimorado estilo oratorio, com tanta convicção politica e, sobretudo, com o ar solene de quem descobriu a pólvora e o mel de páu...

Bravos! Bravissimo! Bravississimo!

Hip! Hip! Hurrah!

## DO DISCURSO DA BAÍA:

*Comentario do "O Povo":*

"Começa falando que nasceu na Baía, isto é, que nasceu outra vez, pois foi na Baía que caíu do céu para o fundo do mar e de onde saíu para subir agora na Baía para o setimo céu, como um autentico homem das alturas. Afirma a sua fé no destino, que, os catolicos que se amolem com o tal de livre arbitrio, é uma cousa certa. E êle é o homem do destino, a sua vida se traça fóra das leis naturais, o percurso dela é dirigido lá de cima do misterioso infinito. Fala na precariedade da gloria de Napoleão e, na gloria sempre viva do Senhor do Bonfim e na sua. Depois, o orador dá um salto brusco, falando nas colinas baianas, e o reporter sente dificuldades em apreender as suas palavras. Mas, logo em seguida, êle acrescenta que está na moda falar de Deus na praça publica e não nos santuarios. E como êle não quer passar por "demodé", tambem começa a invocar o Senhor do Bonfim, com vontade até de ajoelhar, como acentuára no principio do seu discurso, e rezar de mãos postas. Diz que Deus já o abençoou. Mete o páu nos padres, que não conhecem as enciclicas. Dá a entender que Cristo foi comunista. Depois, con-

ta o desastre de que foi vitima ha tempos na Baía e onde, segundo afirma, foi milagrosamente salvo pelo Senhor do Bonfim, que olhou para êle, no instante em que mergulhava nas aguas. Fala do grande terror que o animou, então, pois não sabia nadar e perdeu os oculos de miope. Apesar disso, procurou enxergar e se contorceu até achar um fio milagroso que o Senhor do Bonfim estendeu para êle e que e levou até os destroços do avião que sobrenadavam. E ajunta que é um engeitado da morte, que não o topa, e que foi salvo pelo Senhor do Bonfim especialmente para agora vir cumprir o seu destino, que é salvar o Brasil. E o enviado das Alturas termina dizendo que foi a Baía mergulhar novamente, não mais nas aguas (êle não sabe nadar e o Senhor do Bonfim podia não ajudar outra vez), mas nas almas. No mar das almas êle sabe nadar que é uma beleza, não tem mêdo de ir para o fundo. Para isso, despencou um dia das estrelas, para o abismo, onde foi buscar o destino dêle e de onde saíu com a intervenção do Senhor do Bonfim, para, já se disse, realizar a salvação do país. E a Baía foi a mãe que o acariciou na ocasião do primeiro mergulho e que agora não poderá deixar de o acarinhar no segundo.

A peça oratoria do enviado do Senhor do Bonfim causou grande sensação nos circulos milagreiros e em todos os "terreiros da Baía".

Depois dela, parece que os politicos resolveram que o Enviado do Senhor do Bonfim não falasse mais. Cada discurso era um desastre. Êle já andava desconfiado disso e gritou na Baía que, sem os politicos, irá á presidencia com o povo em armas... Vamos vêr para crêr...

# CORAÇÃO MAÇONICO

No ano de 1932, quando em fóco a revolução constitucionalista de São Paulo, diversos jornais cariocas estamparam a fotografia do sr. José Americo de Almeida como lidimo representante da *esquerda revolucionaria*.

Assim, para aquêles que teem memoria e nela guardam a lembrança dêsse fato, absolutamente não causaram a menor surpresa aquela declaração do comunista João Mangabeira de ser o candidato majoritario um homem *espiritualmente da esquerda* e a propria confissão dêste, em discurso, de que o seu *coração batia do lado esquerdo*.

Ora, a anatomia do corpo humano mostra que, na verdade, o coração está do lado esquerdo, e isto é cousa tão conhecida e falada que, apesar dos montões de asneiras dos discursos do candidato majoritario, toda a gente viu logo que se não podia tratar de mais uma acacianice, devendo a frase ter significação necessariamente politica.

E' essa significação que temos de analisar para prevenir contra o *esquerdista* o povo brasileiro, livrando-o dum futuro Azãna, cuja patuléa já se mostra aos gritos pelas ruas, queimando jornais e pretendendo empastelar redações. No dia da vitoria, se o Brasil consentir nisso, chegará a vez das residencias particulares, das igrejas e dos conventos. As matanças de setembro na Revolução Francêsa, as atrocidades do bolchevismo russo e o que vai pela Espanha vermelha mostram claramente o que se póde e se deve esperar dos homens cujo *coração bate do lado esquerdo*.

O sr. José Americo nega ser maçon, mas o seu linguajar, quer nos romances, quer nos discursos, féde de longe a maçonismo puro. E o maçonismo nada mais é do que o que afirma um profundo conhecedor da maçonaria, Jean Marqués-Riviére, o "envilerimento das consciências e a perversão dos corações".

Quando se estuda cuidadosamente a maçonaria através de sua organização secreta, dêsde as oficinas até os areópagos, dêsde os aprendizes até os altos gráus, chega-se á conclusão forçada de que, em todos os acontecimentos de caráter politico, se deve pôr esta componente: a maçonaria. E' um fator que quasi toda a gente esquece, erradamente. E, quando alguem o lembra, em geral os outros

encolhem os ombros. Dêsse silencio e dessa condescendencia se aproveita a seita maldita para agir.

Ela propria se julga assim. No relatorio da Convenção do Grande Oriente de 1931, se lê o seguinte: "A maçonaria é o arbitro moral dos partidos da *esquerda*..." E no do de 1928, á pg. 257: "Acima de todos os nossos agrupamentos, uma força inegavel nos rege e essa força é a franco-maçonaria, força espiritual." Por isso, reza o mêsmo documento: "os maçons penetrarão na vida publica como simples cidadãos, mas inteiramente impregnados de espirito maçonico".

E' essa impregnação que claramente revela aos que conhecem a maçonaria e seu anticristianismo, o estilo do sr. José Americo nos livros, como "Reflexões duma cabra" e "A Bagaceira", nos discursos, como o do João Caetanto, o da Esplanada do Castelo, ou o da Baía. E êsse estilo, conforme êle proprio afirmou por escrito, é o mêsmo que o seu sangue.

Examinemos a sua declaração: *meu coração bate do lado esquerdo*. Será original essa frase? Será sua? — Não. Não é original. Nem é sua. E' uma frase decalcada de documentos maçonicos. E' uma frase aprendida no galimatias das oficinas, lojas, aréopagos e templos. E' tipica do estilo do *bóde-preto*. .

Documentemos a afirmação.

Leiamos um pedacinho do relatorio da Convenção do Grande Oriente de 1930, ano da revolução que, no Brasil, arrancou o sr. José Americo da mediocridade provinciana e o lançou como um foguete na estratoesfera da politica federal, o que o deslumbrou e lhe deu até hoje a vertigem das alturas. Fica á pg. 54:

"Quando os parlamentares comparecem aos nossos templos, juram defender a Republica Leiga. Seria uma maneira muito exquisita de defender a laicidade, votar leis a favor das congregações religiosas. E' preciso saber se a *maçonaria tem um coração que bate do lado esquerdo ou do lado direito...*"

Querem mais e melhor para caraterizar o estilo do homem e a impregnação do seu espirito? Como se vê, a mais celebre de suas frases celebres é uma expressão tipicamente maçonica, pescada num documento oficial da maçonaria, cujo coração — coincidencia interessantissima!!! — bate *do lado esquerdo*, como o coração do sr. José Americo...

A maçonaria que se cobre com os véus da mentira e com a cortina de fumaça da hipocrisia sempre se inclinou para a esquerda. A' pg. 37 do relatorio da Convenção do Grande Oriente de 1919, lê-se esta declaração formal de atitude:

"Francos-maçons, conhecemos nosso caminho. Não conhecemos barreiras *á esquerda*. Porque fechamos todos os caminhos da direita, só nos resta um lado para onde caminhar".

Parece-nos que isto é definitivo, não podendo deixar lugar a qualquer duvida no espirito de ninguem.

Ha palavras ainda mais concludentes, todavia. As do discurso do irmão Pary, na Convenção do Grande Oriente, em 1918, um ano só após a revolução sovietica. Textualmente: "Certos irmãos não se arrepiavam com a idéa bolchevista." Que bela impregnação de espiritos maçonicos pelas teorias *da esquerda!*

Daí o combate da maçonaria a todos os movimentos, vulgarmente chamados da direita, movimentos nacionalistas e corporativistas, rotulados como fascistas. Lê-se na *Circular Confidencial* do Conselho Federal da Grande Loja de França, de 20 de dezembro de 1925, o seguinte:

"Carissimo Veneravel. Pela prancha datada de 30 de novembro ultimo, dei-lhe a conhecer a atitude do Conselho Federal, no que concerne aos manejos fascistas e, em seu nome, convidei-o, assim como todos os irmãos de sua loja, a estreitarem mais os laços que unem todos os maçons, afim de enfrentarmos o perigo que atualmente ameaça a democracia. Nossa

ação não se póde limitar a isso, como deve avaliar. De toda a parte, recebemos de nossas oficinas aprovações e encorajamento. Os maçons compreenderam seu dever. Precisamos mostrar que estamos á altura de nossa tarefa. O Conselho Federal tem, pois, em vista toda uma série de medidas que levará oportunamente ao seu conhecimento. Em primeiro lugar, pensa organizar uma veemente campanha de resistencia ao fascismo e, com êsse fim, estaria disposto a provocar concursos ou a oferecer o seu para conferencias contra o fascismo, realizadas sob os auspicios das lojas da Federação, de acôrdo, se preciso, com os agrupamentos *da esquerda...* (assinado) *O Grande Secretario*".

Documento é documento. Está, portanto, provado á saciedade que a maçonaria tem um coração que bate *do lado esquerdo,* que o seu caminho é *para a esquerda* e que, pelo menos dêsde 1925 está á testa do combate ao chamado fascismo, aliado *á esquerda*. Ora, o sr José Americo, segundo tem declarado de publico, é inimigo feroz do fascismo, acha que no seu ex-futuro governo nem mais se falaria no *Integralismo estrangeirado,* é um homem *da esquerda* e tem o coração batendo *do lado esquerdo*. Que se deve concluir da comparação documentada aqui rigorosamente feita entre as idéas do sr. José Americo e as idéas da ma

çonaria, entre o estilo do sr. José Americo e o estilo da maçonaria? Naturalmente — dirão todas as pessôas de bom senso — que o sr. José Americo, se não é maçon, está impregnado de espirito maçonico e tem um coração que bate do mêsmo lado que o coração da maçonaria: *o lado esquerdo*.

Aliás, segundo consta, o sr. José Americo iniciou-se na loja maçonica "Branca Dias", da Paraíba, e chegou até o gráu 18, cavalheiro Rosa Cruz, cujo simbolo é uma rosa sobre uma cruz, a rosa de Israel, cantada nos salmos, dominando a cruz do Nazareno...

O sr. José Americo deveria meditar sobre as palavras de Salomão, no "Ecclesiastes" (10,2): "O coração do Sábio está á sua mão direita; mas o coração do Tôlo está á sua esquerda".

Na maçonaria, segundo o ritual, o lado de honra é o esquerdo...

# 2ª PARTE

# REFLEXÕES CONTRA O BÓDE

# A VERDADE SOBRE A NOSSA DEMOCRACIA

## ALGARISMOS CONTRA DEMAGOGIA POLITICA
## COMO È GOVERNADO O PAÍS - PROVA DE FOGO DE UM REGIME

### A REPUBLICA LIBERAL E A PRATICA DA DEMOCRACIA

| | | | |
|---|---|---|---|
| PROCLAMAÇÃO . . . | | | 1889 |
| Deodoro da Fonseca . . | Ditadura . . . . . | 1889-1891 | |
| Floriano Peixoto . . . | Estado de sitio, estado de guerra, lei marcial . . . | 1891 | |
| Prudente de Morais . . | Estado de sitio . . . . | 1898 | |
| Campos Sales . . . . | Estado de sitio . . . . | 1898-1902 | |
| Rodrigues Alves . . . | Estado de sitio . . . . | 1902-1906 | |
| Afonso Pena . . . . . | Estado de sitio . . . . | 1906-1910 | |
| Hermes da Fonseca . . | Estado de sitio . . . . | 1910-1914 | |
| Venceslau Braz . . . . | Estado de guerra . . . | 1914-1918 | |
| Epitacio Pessôa . . . | Estado de sitio . . . . | 1918-1922 | |
| Artur Bernardes . . . | Estado de sitio . . . . | 1922-1926 | |
| Washington Luiz . . . | Estado de sitio . . . . | 1926-1930 | |
| Getulio Vargas . . . . | Estado de sitio, estado de guerra . . . . . | 1930 | 1937 |
| NOTA — Em quasi todos os quatrienios fôram suspensas as garantias legais. Isso queremos indicar. | **TOTAL** — 26 anos de ditadura, de estado de sitio e de estado de guerra ! | | **TOTAL** — 22 anos de liberdades constitucionais. |

A hipocrisia dos chamados liberais se revela ao observador menos atento na disparidade entre o que apregoam e o que praticam, entre as suas teorias e as realizações praticas, objetivas.

A cada passo, êles proclamam o respeito ás constituições, aos mandamentos constitucionais, á pureza das leis; no entanto, a cada passo suspendem a Constituição e as leis, estabelecendo as ditaduras dos Estados de Guerra e dos Estados de Sitio para defesa do Regime, de modo que êste só se póde defender quando se não apoia em suas leis basicas, prova de fraqueza congénita.

No Brasil, onde os politicos tanto falam de liberdade, temos constantemente vivido sob o guante dos Estados de Sitio, dos de Guerra e da Ditadura. E' facil organizar a estatistica comprobatoria do que asseveramos.

A Republica começa em 1889 com um Governo Provisorio ditatorial, que dura até 1891. Depois, vem o fracassado golpe de Estado de Deodoro, que entrega o poder á ditadura militar de Floriano Peixoto: estado de sitio, estado de guerra e lei marcial no Rio e no Sul revolucionario. O sucessor do marechal de Ferro, Prudente de Morais, recorre ao estado de sitio para dominar a situação creada pela campanha de Canudos e as conspiratas que vie-

ram a furo com o assassinio do marechal Bittencourt, quando defendeu o presidente da Republica do punhal do "suicidado" Marcelino Bispo. De 1889, data da proclamação da Republica, a 1898, quando Prudente de Morais deixou o governo, durante quasi uma década, o país viveu periodos anormalissimos de perturbações da ordem publica, revoltas, mashorcas, quarteladas, atentados, amarrado ao pelourinho das leis de excepção. A liberdade, então, era um mito e nada mais.

De 1898 a 1902, governou o sr. Campos Sales, recorrendo tambem ao estado de sitio para pôr cobro ás desordens do "quebra lampeão" e da "vacina obrigatoria". De 1902 a 1906, no quadrienio do senhor Rodrigues Alves, foi necessario ainda recorrer ao estado de sitio deante da mashorca militar desencadeada da Praia Vermelha pelo general Travassos e pelo sr. Lauro Sodré. De 1906 a 1910, o senhor Afonso Pena morre de traumatismo moral ante a atitude dos militares na sucessão presidencial e voltam as medidas de excepção, por causa das agitações no Norte.

O marechal Hermes da Fonseca inicia o seu mandato que durou de 1910 a 1914, com o estado de sitio a que o obriga a rebeldia de João Candido no couraçado "Minas Gerais" e o repiquete da Ilha das Cobras. De 1914 a

1918, sob o governo do sr. Wenceslau Braz, a ditadura se estabelece com o estado de guerra, devido á entrada do Brasil na conflagração mundial. De 1918 a 1922, governam os srs. Delfim Moreira e Epitacio Pessôa. Êste recorre ao estado de sitio por causa da revolta do forte de Copacabana e sob sua égide comemora o centenario de nossa independencia. O quadrienio do sr. Artur Bernardes, de 1922 a 1926, é agitadissimo: revoltas, revoltinhas e golpes todos os dias: estado de sitio constante; sob a sua proteção, reforma-se o pacto constitucional.

O sr. Washington Luis suspende o estado de sitio e governa sem êle até a sucessão, quando se desencadêa a revolução, chefiada pelo senhor Getulio Vargas, a qual o obriga a recorrer a essa medida. Depois, governo ditatorial duma junta e do sr. Getulio até 1934; depois, estado de guerra de 1935 a 1937.

Façamos uma conta por alto.

De 1889 a 1937, 48 anos de Republica Liberal.

Nêsse periodo: 9 anos iniciais de ditadura e estado de sitio com lei marcial; sete anos nas varias presidencias que se sucederam, mais ou menos; quatro anos com o senhor Bernardes; do sr. Washington á constitucionalização, quatro anos e meio; de 1935 em diante, dois anos quasi.

Temos, assim, em 48 anos de Republica Liberal, de liberdades publicas, 26 anos de ditadura, estado de sitio ou estado de guerra, mais da metade.

Não é verdade, pois, como disse em discurso o sr. Armando de Sales, que quanto maior fôr a "mentira democratica" mais o povo nela acredita?

Essa beleza é que o sr. José Americo quer que continue...

---

## A RESSURREIÇÃO DA D. LOLÓ

Existiu ha tempos num suburbio carioca uma mocinha bonita e viva, que namorava com todos os estudantes da redondeza. Todas as tardes, bem penteadinha e bem pintadinha, ela passeava no jardim proximo de sua residencia, em companhia duma amiga, magra como a miseria e feia como o pecado. Não havia quem se não admirasse daquela amizade entre duas criaturas tão diferentes. Um dia, a propria mãe da moça bonita, em resposta aos comentarios, se encarregou de esclarecer o misterio, contando a um dos estudantes o seguinte:

— Imagine o senhor que minha filha gosta tanto da Loló (êste era o nome da moça feia) que, todas as noites, antes de se deitar, pede insistentemente a Deus que lhe dê vida e saúde, conservando-a sempre sua amiga inseparavel, pois, ao lado dela, Loló, os rapazes sómente olham para a minha filha...

Assim se verificou que a pobre D. Loló servia tão sómente de *repoussoir* para a outra, era a moldura que fazia ressaltar o retrato, era o contraste, o confronto, o termo de comparação, o sombreado do quadro...

Não é descabido lembrar essa D. Loló quando a gente se refere á famigerada e barulhenta Aliança Nacional Libertadora. Muitos Integralistas tinham raiva dela, sobretudo por causa de sua desfaçatez em querer mascarar com um nacionalismo mal alinhavado seu comunismo nato a soldo dos judeus de Moscovo. Muitos Integralistas se indignaram com suas calúnias vis e injúrias torpes contra o Chefe Nacional e os mais graduados dos nossos companheiros. Muitos Integralistas se encolerizaram com suas mentiras idiotas e suas invencionices réles. Todavia, nós achamos infinita graça nas macaqueações da Aliança, copiando frases do Chefe Nacional nos seus manifestos, plagiando nossa doutrina nos seus boletins e surripiando as idéas e cálculos do "Brasil-colonia de banqueiros". Achamos graça e todas as noites, ao pé da cama, pediamos ao Senhor, de joelhos:

— Meu Deus, conservai por muito tempo de perfeita saúde a Aliança Nacional Libertadora, a nossa D. Loló, com aquela pleiade de brilhantes oradores e escritores que ela pos-

súe, com aquêle insuperavel estado-maior de homens probos, integros, valentes e dignos, que a dirigem, com todos os subsidios que lhe veem da Rússia e dos judeus, afim de que cada vez mais cresça e apareça! Meu Senhor e meu Deus, a Aliança-Loló é a prova-provada da existencia do comunismo no Brasil, que nós afirmamos ha cinco anos e no qual ninguem quer acreditar! E' o testemunho vivo e irrecusavel das atividades sovieticas. A Aliança é o nosso "repoussoir", a nossa moldura, o que faz com que se note bem a diferença entre nós e com que os brasileiros patriotas e decentes acorram ás nossas fileiras. A Aliança é a moça feia do suburbio que só serve para o que servia a D. Loló!

Nossas orações não tiveram, infelizmente, éco aos pés do Senhor. Os homens não ajudaram a bôa vontade divina. Apesar de suas altas virtudes, de suas nobilissimas qualidades, de sua luminosa inteligencia, de sua cultura verdadeiramente notavel de todos os pontos de vista, o grupo que dirigia a *querida* Aliança, como se diz vulgarmente, "enterrou o team"...

Depois, houve outro lamentabilissimo insucesso: O Chefe da Aliança, o Encoberto, deitou manifesto aos povos dêstes Brasis. E aconteceu o que ninguem poderia prever: o

homem amortalhou a Aliança de público no comunismo. Não contente com isso, pois não é de meias medidas, matou, ao mêsmo tempo, o Bom Senso e a Gramática, casal de velhos inocentes e asmáticos que nada tinha a vêr com o caso...

Os Camisas-Verdes compareceram ao enterro solene de D. Loló, isto é, da Aliança Nacional Libertadora. Transferiram-na para o Além com todas as honras, como se fôsse a sua melhor Secretária Nacional de Propaganda.

Não ha, porém, bem que se não acabe e mal que sempre dure. Depois da tempestade — diz o adágio — vem a bonança. Para felicidade do Integralismo, a finada D. Loló reencarnou-se no sr. José Americo de Almeida.

Deus conserve a nova D. Loló, fazendo discursos...

## DONA ELVIRA CORTA-FINO

D. Elvira era uma senhora rica muito conhecida da rapaziada do meu tempo de estudante, em minha cidade natal. Possuía uma bela casa á esquina duma praça e, como suas filhas estivessem em idade de casar, costumava dar festas, ás quais convidava os moços de familia de suas relações. Foi por causa dessas festas que êles lhe puseram o apelido de dona Elvira Corta-Fino.

Na sua sala de jantar, havia um guarda-louça, envidraçado, estilo antigo, que, nêsses dias, ela enchia de bôlos esplendidos, pudins e compoteiras de dôces finissimos, tudo enfeitado de rendas e frócos de papel de sêda colorido. Os rapazes que chegavam á casa de dona Elvira pela primeira vez, e viam aquela exposição de apetitosas guloseimas, intercaladas de garrafas de vinho do Porto e Moscatel, lambiam os beiços e dansavam com suas filhas, que

eram bem feiosas, na esperança dos quitutes á hora da ceia.

Esta era servida ás onze horas em ponto. Se comparecera á festa um figurão da cidade, prefeito, deputado, alto funcionario, d. Elvira e o marido conduziam-no misteriosamente para um aposento dos fundos da residencia, abriam o armario envidraçado e levavam algumas daquelas vistosas e saborosas iguarias para que com elas se satisfizesse.

Aos pobres rapazes que haviam dansado com as meninas, d. Elvira distribuia sómente, na cópa, alguns copos de desenxabido "aluá" e um pouco de manjar branco, que ela própria cortava em fatias finissimas e transparentes. Daí seu apelido: d. Elvira Corta-Fino.

Em materia politica e social, a Liberal Democracia é uma verdadeira d. Elvira Corta-Fino. Ela ostenta dentro do grande armario envidraçado da Constituição os mais delicados bôlos e compotas do regime, enfeitados pelos papeis rendilhados da palavra falada e escrita: Liberdade — Igualdade — Fraternidade — Direitos do Cidadão — Soberania do Povo... A alguns figurões, serve ás escondidas bons pedaços dessas bôas cousas... Ao comum dos mortais, por muito favor, distribue o "aluá" chôcho da liberdade individual

sem lastro e as fatias finas do voto secreto e de alguns direitos capitulados nos codigos...

Nunca reflito na Liberal Democracia que ao meu espirito se não apresente a figura de d. Elvira Corta-Fino. São duas imagens inseparaveis para mim.

Nós, os Integralistas, precisamos tomar a d. Elvira a chave do armario, para servirmos os bons manjares a todos os brasileiros e não sómente aos figurões nos segredos maçonicos dos quartos fechados...

## O CALIFA OMAR E O MENDIGO

(*Conto oriental de Mahan Talba*)

O Califa Omar, sucessor de Maomé, foi cognominado o Pai da Pobreza, porque praticava a caridade para com todos os necessitados da cidade da Méca. Andava simplesmente trajado e vivia frugalmente, dando de esmolas a maior parte das somas que lhe eram reservadas como chefe dos Crentes. Dormia sobre o duro patamar das mesquitas, ao relento, embrulhado numa capa remendada.

Por isso, não causou espanto aos povos do Califado quando mandou apregoar que daria uma grande recompensa ao *"homem mais pobre do mundo"* durante a peregrinação anual á Santa Kaaba.

E todos os mendigos do Islam, dêsde a Grande Bukaria a Marrocos e do Kaptchak ao Sudão, acorreram á sagrada capital maometa-

na, ansiosos por disputarem o premio prometido pelo Califa.

Era de vêr-se o ajuntamento formidavel de todos os "cidadãos-mendigos" do mundo muçulmano, como diria o general Rabelo, no vasto páteo da santa mesquita. Negros, bérberes, mouros, fellahs, tartaros, turcos, caucasianos, egicios, arabes, persas, indús. Uns cobertos de parasitas. Outros cobertos de chagas. Cégos. Manetas. Pernetas. Coxos. Todas as deformidades. Todas as mazelas. Todos os aleijões. Sujeira. Andrajos. Miserias atrozes.

Quando o Califa surgiu, rodeado pelos seus oficiaes, vizires e xeques, um tumulto medonho agitou aquela multidão. E os guardas começaram a organizar longas caudas de mendigos que iam passando deante do soberano, um a um, expondo-lhe as suas feridas ou enfermidades e contando-lhe as suas desgraças. Durante horas e horas, Omar ouviu-os e observou-os com uma paciencia exemplar, digna das maiores recompensas no delicioso paraiso das huris. E nada de encontrar entre tantos miseraveis o *"homem mais pobre do mundo"*.

Todos os mendigos confessavam suas dores e sua miserabilidade em voz alta, com gemidos capazes de comover as proprias pedras da mesquita. Cada qual procurava o mais que podia mover á piedade o coração do Emir dos

Crentes. Mas, já no fim da incontavel fila de pobres, notou-se um velhote tristonho, cabisbaixo, que caminhava devagarinho e calado. Nem um gemido. Nem uma palavra. Nem mêsmo um gesto. Foi-se aproximando do Califa e, quando lhe chegou ao pé, adeantou um pouco o corpo magro e encurvado, sussurrando-lhe algumas palavras ao ouvido, tão baixinho que as pessôas mais proximas nada puderam escutar.

Então, o Califa decidiu-se. Com olhos a brilhar no rosto radiante, gritou para os eunucos:

— Tragam a recompensa! Encontrei, afinal, o homem mais pobre do mundo!

Os eunucos trouxeram um saco de moedas de ouro, dinars e sequins do Oriente, besantes de Constantinopla, escudos do Ocidente. E, sob a estrondosa ovação de todos os presentes, o *"homem mais pobre do mundo"* retirou-se.

Uma grande curiosidade apoderou-se de todos quantos ali se achavam. Que segredo teria o pobretão murmurado ao ouvido do poderoso Califa? Que lhe teria dito acerca de sua miseria que assim tão depressa o decidira? E o grão vizir não se conteve, indagou do Califa o que lhe dissera o desgraçado. E êste, deixando cair os braços, desolado, revelou o segredo:

— O homem disse-me que era mais pobre do que o Zé Americo...

# O COMUNISMO E AS CLASSES ARMADAS

O telegrafo transmitiu a espantosa noticia: os operarios dos arsenais francêses cantaram a Internacional em presença das altas autoridades. O Senado alarmou-se. O mundo inteiro deve ficar de sobreaviso. Pobre Exercito Francês que tem na retaguarda arsenais comunistas! O Exercito que foi o Grande Mudo durante longos anos ouve agora, no seu seio, a voz dos cantos marxistas, se tambem a maçonaria e o judaismo não o transformaram no Grande Surdo.

E' o primeiro resultado da infiltração solerte do credo vermelho no cerne da defesa militar da França. Essa infiltração se processa de mil maneiras em todos os exercitos das nações liberais. Os agentes de Moscovo sabem que, enquanto houver um exercito disciplinado, obediente ao Poder Público, sua revolução está destinada ao insucesso.

Na própria Rússia, apesar do movimento comunista ter estalado na retaguarda dum exercito derrotado e desmoralizado, foi necessário acabar com êle, afim de conseguir o triunfo. Os comunistas russos proclamaram aquilo que o Partido Comunista Alemão viria reclamar no seu programa, antes de Hitler: a eliminação de todos os superiores desagradaveis e a supressão dos quarteis. Entretanto, como declarou o ministro Goebbels, no seu discurso de Nuremberg, apesar das fórmulas grandiloquentes — "acabemos a obediencia cega" e "o exercito será democratico", no dia seguinte á vitória a ditadura bolchevista decretou a mobilização geral dos trabalhadores.

"Quem se não submetia ou era fusilado ou arrastado aos subterraneos ensanguentados da Cheka. Em lugar de milicias populares, viram se instaurarem a unidade de comando, a disciplina de ferro do proletariado, o mais rigoroso aquartelamento e os conselhos de guerra. Os camaradas-comandantes voltaram a ser tenentes, capitães, e a passarem por toda a escala hierarquica até marechal-vermelho. E o judeu sovietico Rabinovitch confessou cinicamente que a pseudo *democratização do exercito* não passara dum *meio para se apoderarem do exercito.*"

E' conveniente que os militares meditem bastante sobre isso, afim de se não tornarem vitimas dos manejos dos bódes-pretos... Alguns, felizmente, estão bem acordados, como o provam as palavras ardentes do general Newton Cavalcanti. Outros começam a acordar e procuram, desta ou daquela fórma, acordar seus companheiros. Fazemos estas considerações após a leitura do pequeno livro que publicou o major Josué Justiniano Freire: "As classes armadas em face do comunismo".

Com muita serenidade de ánimo, o distinto oficial examina a questão no Brasil, procurando desintoxicar o Exercito dos venenos que lhe teem sido propinados ultimamente, com a peor das intenções. Depois de estudar causas e efeitos, aponta remedios, dizendo: "Adotadas que sejam as nossas sugestões, conjuradas serão de vez as quarteladas extremistas, que poderão lançar os oficiais no terrivel dilema de arriscar a vida ou a honra, isto é, de reagir ou aderir."

Pondo acima de tudo a pátria, o major Josué Justiniano Freire classifica como "inimigo próximo" do Exercito "o sanguinario messianismo dos agentes do ursismo", que obriga "gritantemente" a medidas prontas e eficazes. Na sua opinião, não é inimigo que se combata pela força, mas pela "profilaxia mo-

ral", a qual depende duma justiça social que o liberalismo é incapaz de dar, no nosso modo de pensar. Reconhece que "as classes armadas são, entre todas, as mais visadas pelos comunistas, que, com elas, tudo acham possivel fazer em materia de subversão, enquanto que, sem elas e *á fortiori,* contra elas, é o mêsmo que dizer *nada feito*". Prega, consequentemente, o robustecimento dessas classes, não no sentido de seu preparo técnico, mas no sentido de seu preparo moral.

Aborda dois pontos de alta relevancia na questão. O primeiro é a criminosa situação de abandono em que fica o sorteado, arrancado á sua provincia, ao seu lar e á sua profissão, depois de prestado o serviço militar. Nenhuma assistencia o ampara. Nenhum rumo lhe é indicado. O governo interrompeu-lhe a fluencia da vida e não o encaminha em nova trilha. Eis aí um revoltado que se póde tornar perigoso comunista. O segundo é a dificilima questão dos sargentos, aos quais, ao invés de se darem vantagens reais, sólidas, garantias concretas, meios de progredir, se presenteou com um voto, introduzindo a politicalha no quartel. Êsses homens modestos que labutam na tropa, tendo-a sempre sob seu controlo direto, muitas vezes tambem se revoltam contra a injustiça

liberal, sendo arrastados a movimentos rebeldes.

Contando-se a Marinha e as varias policias estaduais, o número de oficiais inferiores no Brasil deve ser, mais ou menos, de uns vinte mil. Êsses homens sabem o que valem e representam uma força educativa da tropa, controladora de seus movimentos, que tem sido esquecida e se póde tornar, numa organização nacional eficiente, um aparelho de primeira ordem. E' preciso dignificar o sargento, imunizá-lo dos venenos da politiqueira liberal e do comunismo, doutriná-lo, dar-lhe um espirito, mas corresponder tambem ás aspirações dêsse espirito.

Êsse espirito doutrinario é que, infelizmente, falta ao Exercito e que o major Josué Justiniano Freire consigna como "falta de unidade". A teoria do Grande Mudo, que se quis importar do Exercito Francês, é uma teoria maçonica-judaica creada expressamente para que as forças armadas se tornem incompreendidas da nação e não compreendam a nação ,isto é, para que desapareça *a unidade espiritual* entre o Exercito e o Povo. O Povo póde pensar e querer isto ou aquilo. O Exercito não pensa, nem quer. Não tem alma como o seu povo. Não está sintonizado com êle. Sai do seu seio como um corpo estranho. Não vi-

bra nacionalmente. E' um aparelho técnico mudo e surdo; é uma máquina. Nada mais terrivelmente perigoso do que um exercito assim. Se se conservar sempre mudo, será o peor dos instrumentos de opressão nas mãos de quem quer que se apodere do governo. Aliás, êsse é o fim prático da teoria. Se um dia falar, como o filho de Creso, numa hora de emoção, será para cantar a Internacional nos seus arsenais...

O livro a que nos referimos de modo tão ligeiro merece ser lido por civis e militares. Tem observações justas e aponta medidas necessárias. Lendo-o, a gente fica certa de que o mal que, no nosso Exercito, permite a ação deleteria das forças ocultas é a falta de doutrina social. Um exercito não é somente um mecanismo militar. Se assim fôsse, por maior perfeição a que atingisse sua técnica, seria um exercito batido, pois lhe faltariam as forças espirituais. Um exercito é um grande organismo moral que deve refletir a propria alma da nação. Refletindo essa alma, comungando no mêsmo pensamento de grandeza nacional com o seu povo, será invencivel em relação aos inimigos externos e impermeavel ás toxinas dos inimigos internos.

Esta é uma grande obra a realizar: amalgamar Exercito e Nação, dar-lhes uma alma

só, integralizá-los. Para isto, é necessário incentivar o culto das tradições, aproximar civis e militares nas mêsmas comemorações, entrosar as ceremonias patrioticas de feitos civis e militares, ensinar a nossa historia militar nas Escolas, incentivar de todos os modos o amor do brasileiro pelo seu soldado, seu defensor, seu amigo, seu herói. Ao mêsmo tempo, trazer o militar até a vida civil, não para explorá-lo ou desviá-lo de seu caminho e funções na participação na politicalha, mas para unilo no mêsmo sentimento nacional, fazendo com que êle se aglutine na mêsma corrente sentimental com o elemento civil e se integre no pensamento total da nação. Para tudo isso, um fator preponderante é o bom recrutamento da oficialidade, que necessita ser cuidadosamente estudado para poder ser cuidadosamente feito.

No dia em que o Exercito tiver um pensamento uno, uma doutrina nacional, não será o Grande Mudo, porque falará a mêsma linguagem da Nação, e não se deixará mais arrastar ás aventuras politicas, nas quais o menos que tem perdido é o sentido de sua disciplina.

Velho amigo do Exercito, escritor de sua história, renovador de suas tradições, evocador de seus feitos, celebrador de suas glorias,

sinto-me perfeitamente á vontade, dizendo-lhe estas palavras, sinto-me cheio de orgulho pensando que um dia o verei exercendo o sacerdocio da defesa nacional no culto maravilhoso das altas virtudes militares.

---

Digitalizado por:
Integralismo em
Goiás! 31/03/2019

# A MELHOR LIÇÃO DO BOLCHEVISMO

Os sovietes vivem a proclamar de bôca cheia os progressos mirabolantes de sua indústria pesada, sem dar palavra, porém, sobre o que isso tem custado e sem comparar tais progressos com o depauperamento de todas as outras indústrias e atividades russas.

Os resultados obtidos na grande indústria são ainda contestaveis em vista do custo por que são conseguidos, dos prejuizos diretos e indiretos que implicam, dos sacrificios em homens e dinheiro que acarretam, e da pessima qualidade da produção. Eis porque, numa grande reportagem sobre a Rússia sovietica, estampada no "Gringoire", Motus declara textualmente: "Os ensinamentos da experiência são claros e se oferecem á vista dos dirigentes comunistas da U.R.S.S., que já reduziram, dando-lhe contra-vapor, o segundo plano quinquenal a proporções infinitamente mais modestas do que as do primeiro; restabeleceram o inte-

resse individual na indústria e na agricultura; honraram o trabalho inteletual, depois de o haverem aviltado; tomaram, emfim, uma porção de lições do que chamam *capitalismo.*

Ninguem poderá prever as consequencias remotas disso; porém as imediatas são evidentes para qualquer pessôa de bôa fé: a U. R. S. S. toma por emprestimo os meios de progresso do capitalismo, suprimindo, embora, os capitalistas e substituindo-os por funcionarios judeus. Vejamos se a maioria da população ganha com a troca. Para se ter uma idéa, não é preciso enfronhar-se em cálculos aridos. Basta observar em redor de si sem idéas preconcebidas. Os capitalistas eram em menor número e mais ricos do que os funcionários judaicos sovieticos. Mas, qual era a renda global dos primeiros e a quanto montam os ordenados pagos aos segundos? Qual será, nessa quantia, a parte legitima que representa a verdadeira remuneração pelo trabalho de dirigir e administrar, e qual a parte do parasitismo burocratico?

Na verdade, segundo as estatisticas dos Sovietes, em 1934, as últimas publicadas, houve os seguintes aumentos em relação a 1913, antes da guerra, era do Czar: a produção de carvão quasi triplicou; a da fundição e do aço quasi dobrou; a da laminação tambem; a do

petroleo quasi triplicou; a do cimento dobrou e surgiu a de automoveis, tratores e máquinas agricolas, quasi inexistente na Rússia antiga.

A propósito, judiciosamente, comenta Motus: "Êsse aumento nada tem de extraordinário no fim de vinte e dois anos, tendo-se em consideração o ponto de partida, as formidaveis despesas efetuadas, os meios brutais empregados e o concurso da técnica de países mais adeantados... E' mais do que evidente que uma Rússia capitalista teria, depois da guerra, progredido pelo menos tanto, senão mais e por meios mais razoaveis."

De fáto, a essa relativa e discutivel progressão nos ramos citados da grande indústria corresponde triste regressão em todos os outros: na agricultura, na pecuaria, nos transportes, na indústria leve, no comércio, nas finanças. E' facilimo comprovar isso com as próprias estatisticas oficiais sovieticas. No tempo do Czar, a Rússia construia uma média anual de 1.509 quilometros de via ferreas. A U. R. S. S. não chega á terça parte. A Rússia Imperial fabricava anualmente 1.500 locomotivas e 45 mil carros. A de Stalin mal chega a 1.200 locomotivas e a 21 mil carros, depois de mais de vinte anos de comunismo!

A produção de tecidos de algodão, que era de 2.711 milhões de metros em 1913, com gran-

de esforço chegou em 1934 a 2.260 milhões, apesar do aumento da população, o que representa grande baixa. Nos tecidos de lã, a produção caiu de 95 milhões de metros em 1913 a 73 milhões em 1934. A de tecidos de linho foi de agua abaixo: 201 milhões de metros em 1913, 155 milhões em 1934. A indústria de calçados feneceu de modo espantoso. Em 1934, a Rússia Sovietica toda mal chegou a fabricar 70 milhões de pares de sapatos, o que é sobremodo significativo para uma população de 170 milhões de habitantes, e dá o seguinte resultado: um sapato por ano e por pessôa para 140 milhões de habitantes, e 30 milhões sem poderem usar ao menos um sapato! Num país de frio rigoroso é estupendo! Antes da guerra, a Rússia produzia 1.290.000 toneladas de trigo para 135 milhões de consumidores; agora produz 1.350.000 toneladas para 170 milhões de consumidores.

Nas finanças públicas, a propria estatistica oficial reconhece uma desvalorização geral das moedas, dos titulos, etc., simplesmente de SETENTA E SETE E MEIO POR CENTO!!!

Eis aí a obra dos judeus Kaganovitch, Trotzski, Zinovief, Litvinof, Finkelstein, Radek, Lunatcharski e seus comparsas, apoderando-se do Imperio Moscovita e impondo-lhe

o marxismo pela força. Eis aí o que resulta *em números* das presunçosas afirmações duma propaganda destinada a engabelar com sua mentiralha as massas proletarias sofredoras do mundo.

Dir-se-á que o aumento da indústria pesada cobrirá êsses desfalques. Não é verdade. Essa indústria é fomentada e mantida artificialmente por um preço exorbitante á custa de toda a economia russa, afim de *épater le bourgeois*. As delapidações, as sabotagens, o parasitismo burocratico auxiliam o aumento do custo dessa indústria. Não póde ser considerado verdadeiro progresso o que custa os maiores sacrificios e se realiza em detrimento do bem estar da comunidade. Além das empresas industriais custarem os olhos da cara, sua produção é a mais inferior possivel. Sómente se escôa por não sofrer a menor concurrencia, graças ao monopolio comercial do Estado Sovietico. A própria imprensa russa já creou uma palavra para designar essa espécie de produção. Denomina-a *brak*, o que quer dizer *refugo*. Em geral, as usinas metalurgicas produzem de 30 a 40 por cento de *brak*. Nas outras indústrias, é muito maior a proporção dêsses refugos. Nas de calçados e tecidos, é comunissimo elevar-se a 70 por cento e até a mais!...

Mas o reinado incontestavel do *brak* é a indústria de construções, na qual a U.R.S.S. tem gasto improdutivamente milhões e milhões de rublos. Os bolchevistas quiseram fazer inovações arquiteturais num país em que a construção é condicionada pela brutalidade do clima e a experiencia faz lei. Assim, levaram na cabeça de todos os lados. Mal acabavam de erguer um arranha-céu, o colosso rachava todo, o aquecimento não era suficiente, os encanamentos rebentavam, afundavam as escadas ou a ventania da estepa carregava as grimpas do tecto. As fábricas veem abaixo, os muros de sustentamento de aterros e canais desabam...

Os bolchevistas orgulham-se do Dnieprostoi. Gastaram milhões para os tubos geradores estarem lá parados, esperando as usinas consumidoras. Orgulham-se da fábrica de tratores de Stalinegrado. Ainda não tem um ano e não funciona mais, caindo aos pedaços. Orgulham-se da cidade de Magnitogorsk. Os altos-fornos já se deterioraram, a agua gelada arrebentou as canalizações, a produção de aço sái por um preço impossivel, porque o minerio dista do carvão sómente 2.500 quilometros...

E é tudo assim. O bolchevismo dá perfeitamente a medida da filaucia do judeu. Esta é a melhor lição que êle póde oferecer ao mundo. Que o Brasil medite sobre ela, olhando os punhos fechados que aclamam o sr. José Americo...

# O ISOLADOR DE S. JOÃO D'EL REI

Para sempre ficará gravada na nossa memória aquela cena na delegacia de policia da velha cidade de São João d'El Rei. Terminára a sessão preparatoria do Congresso Universitario Integralista, quando recebemos a ordem de clausura do mêsmo, dada pelo senhor Osvaldo Machado, 1.º delegado auxiliar da policia mineira, enviado de Belo Horizonte com poderes especiais e. certamente, com instruções especialissimas. O motivo alegado para justificar a arbitrariedade era ter o Chefe Nacional falado ao povo em massa duma das sacadas do Hotel Macedo, contrariando expressa prohibição de qualquer manifestação de ordem externa. Ficamos estarrecidos deante de tão violenta medida, provocada por tão leve motivo.

Ora, a população sanjoanense, espontaneamente, em formidavel vibração, recebera o Chefe Nacional na Estação e o acompanhara

com vivas e palmas até o hotel, aglomerando-se nas imediações. Seis ou oito mil pessôas impediam ali o transito, ansiosas por ouvirem a palavra inspirada de Plinio Salgado. Chegamos á janela e dissemos á multidão que o Chefe estava fatigado da viagem e não lhe falaria no momento, porque teria varias ocasiões de se manifestar durante as sessões do Congresso, em recinto fechado. Apesar disso, o povo continuou a reclamar a palavra do Chefe, vendo-se êste obrigado a dizer-lhe alguma cousa, pedindo que se dispersasse.

Êsse era o pretexto a calhar para a arbitrariedade da proibição. A causa, porém, era outra. Havia pouco tempo, o presidente de Minas visitára a cidade com uma grande comitiva, tendo tido gélida recepção. A comparação entre as duas recepções enfurecia a ciosa autoridade policial. Além disso, a população sanjoanense começára a comentar a disciplina, a ordem, o respeito daquêle milheiro de Camisas-Verdes que enchia a cidade, comparando êsse modo de proceder com o da repazeada da comitiva presidencial, que fôra o mais desabusado possivel.

Surpreendido com a ordem proibitiva, o Chefe Nacional, acompanhado das altas autoridades integralistas, foi a um telefone público e obteve ligação com o Chefe de Policia do

Estado, explicando-lhe o que havia e reclamando providencias. Êste declarou-lhe que, tendo dado poderes especiais ao delegado Osvaldo Machado, o mêsmo estava habilitado a resolver o caso. Rumámos, então, para a delegacia de policia local. Chegámos a um edificio feio e pouco limpo, por trás da maravilhosa obra de arte do nosso passado, que é a igreja do Carmo. A sentinela embargou-nos a passagem. Fizemo-nos anunciar e fomos recebidos num cubiculo mal arejado e iluminado, ao fundo dum vestibulo cheio de gaiolas de passarinhos, para o qual davam as portas gradeadas dos xadrezes.

O 1.º delegado auxiliar ali estava de camisa, sem colarinho, mangas arregaçadas, suando em bicas e bufando, a ditar ao escrivão da delegacia qualquer cousa que êste escrevia em largas folhas de papel almasso. Falou-nos atabalhoadamente, com mal disfarçada agressividade, a enxugar o cangote oleoso com um lenço amarfanhado. Demos-lhe conta do que dissera o Chefe de Policia pelo telefone. Êle alegou que cumpria ordens do mêsmo e que êste é que era o competente para resolver o caso. Verdadeiro jogo de empurra. Por ora, estava atarefado e tresnoitado. De manhã, telefonaria a Belo Horizonte e resolveria tudo definitivamente.

O desalinho do predio e o desalinho do delegado fizeram com que nem nos lembrassemos de tirar o gorro da cabeça. Cruzamos os braços, e, enquanto os companheiros falavam, permanecemos calados, examinando fixamente aquêle homem gesticulante e atrabiliario que tinhamos deante dos olhos. Não era propriamente a sua exigua personalidade que desafiava a nossa atenção, mas o documento humano que sua atitude nos oferecia ao espirito. Vendo-o e ouvindo-o falar a toda hora, com manifesto exagero, no discurso público do Chefe Nacional, como se isso fôsse horrendo crime; vendo-o e ouvindo-o eximir-se a uma resolução, deixando-a sobre os ombros de seu superior hierarquico, o Chefe de Policia, que, por sua vez, já a arremessára ás suas costas, contemplavamos concretamente o velho *horror das responsabilidades,* que se disfarça sob o rótulo do cumprimento de ordens, das delegações de poderes e das incompetencias de fôro e de jurisdicção, horror das responsabilidades que fez Jesus andar de Herodes para Pilatos, que fez Pilatos lavar ás mãos e que atingiu o apogeu na democracia liberal, acumpliciado ao culto da incompetencia, para gaudio da critica documentada de Émile Faguet...

— Doutor Plinio Salgado, disse textualmente o delegado, o senhor excedeu-se no final de seu discurso...

O Chefe Nacional nem se lembrava mais de sua peroração. Então, a autoridade exclamou:

— Tenho o testemunho de Cicero...

Estremecemos violentamente dos pés á cabeça. Seria possivel? Aquêle homem vulgarissimo conheceria Cicero, o grande mestre da palavra, o Rui Barbosa de Roma Augusta? Mal acabavamos de nos formular esta pergunta intima e silenciosa, quando êle bradou:

— Senhor Cicero, faça favor...

Entrou no cubiculo honrado com o titulo de gabinete um homem escuro, alto, simples, decentemente trajado, um secreta ou *tira*, como se diz em Minas. E o delegado auxiliar pronunciou estas palavras textuais:

— Senhor Cicero, o senhor não é uma inteletualidade, mas tambem não é nenhum boçal. Repita o que o doutor Plinio Salgado disse no fim do seu discurso.

O *tira* papagueou:

— O doutor disse que, pela força da inteligencia, pela energia do coração e pela audacia do braço, os Integralistas fariam do Brasil uma grande nação, uma potencia igual á

Inglaterra, á Itália e á França, cercada pelo respeito do mundo...

Não desfitavamos o curioso especimen humano e riamo-nos cá por dentro. Então, é exceder-se querer a grandeza da Pátria? Nunca poderiamos pensar houvesse um delegado de policia capaz de achar isso excesso suficiente para fechar pela violencia um congresso cultural da mocidade brasileira! Morrendo e aprendendo...

Sendo forçoso esperar a resolução adiada para o dia seguinte, as autoridades integralistas retiraram-se. O delegado estendeu a mão aos companheiros. Não a apertamos. Tocámos displicentemente com um dedo na fimbria do gorro. Preferiamos apertar a mão de Pilatos, porque ao menos êle a lavou...

No dia seguinte, com o hotel cheio de Camisas-Verdes e de visitas, a autoridade veiu pedir para ser recebida pelo Chefe Nacional. Falára com o Chefe de Policia e reconsiderava sua ordem de suspensão do Congresso, pedindo desculpas do mal entendido. O Chefe Nacional dirigiu-se ao teatro da cidade e ali fez, abrindo solenemente o Congresso Universitário, um de seus mais memoraveis discursos. A assistencia aplaudiu, eletrizada. A' saída, nova surpresa: o delegado impedia a continuação dos trabalhos. Por que? Porque,

numa nota á imprensa, o Chefe Nacional historiára os fátos, dizendo que a autoridade o procurára, dizendo, portanto, a verdade. Pretexto de lobo contra o cordeiro. Para apoiar essa nova arbitrariedade, o dr. Osvaldo Machado tinha setenta praças armadas de ponto em branco com dezoito fuzis-metralhadoras, como se estudantes inermes e disciplinados fôssem perturbar a ordem na antiga, pacata, tradicional, hospitaleira e nobre cidade de Minas! O delegado fôra ao hotel, mas não queria que o público soubesse disso. Felizmente, sua presença ali, em companhia do Chefe Nacional, foi documentada fotograficamente.

Ficámos em São João d'El Rei alguns dias, fazendo conferencias, doutrinando aquela gente amavel e sincera, cuja indignação deante do injustificavel gesto da autoridade era a maior possivel. O dr. Osvaldo Machado fôra a São João d'El Rei com a triste incumbencia de perturbar os trabalhos do Congresso, com os pretextos a seu cargo; mas sómente conseguiu dar-lhe maior realce e torná-lo mais simpatico. Para se avaliar como tinha o pensamento preconcebido de arranjar qualquer motivo para justificar o fechamento encomendado, basta dizer que, na missa solene que os Integralistas sanjoanenses mandaram celebrar pelo exito da reunião, antes desta ser

proibida, ordenou peremptoriamente que os sinos não repicassem e êles não repicaram, nem no momento solenissimo da Elevação! Ordenou mais que dois jornais de São João d'El Rei não publicassem uma palavra sobre o Congresso. E apreendeu a edição do orgão integraiista local, cheio de artigos doutrinarios de pessoas não integralistas, sendo que o unico em que havia qualquer cousa contra a liberal-democraia era dum liberal notorio...

Quando no cubiculo-gabinete do notavel delegado, naquela noite, estavamos de braços cruzados sem lhe tirarmos os olhos de cima, não pensavamos sómente no horror das responsabilidades e no culto da incompetencia do liberalismo, mas tambem nas duas especies de homens que ali se defrontavam. Uma, a raça dos homens que ligam, que unem, que crêam harmonias e que constróem: fundadores de religiões, creadores de imperios, construtores de pátrias, animadores de ideais, pregadores de doutrinas novas, espiritos iluminados e magnificos na sua comunhão com outras almas! Outra, a raça dos homens que desunem, que isolam, que destróem. O Chefe Nacional representava a primeira. O delegado de policia Osvaldo Machado, a segunda.

E pensavamos ainda que certos homens são como os isoladores de ceramica barata que

se colocam nos fios das instalações eletricas e telegráficas: lisos, quasi incolores na sua leitosidade, sem alma, sem sentimento, sem vibração, sem coração, corpo frio e cilindrico, um furo, um gargalo, uma cabeça da mêsma materia que o corpo. Quando é preciso isolar duas correntes, recorre-se a um dêsses isoladores. Quando não se precisa mais, guarda-se o isolador no depósito, para o dia em que se vier a precisar. Quando se parte ou racha, joga-se fóra...

Os homens-isoladores não valem por si, mas pela mão que os coloca e pelas correntes que afastam. Fóra de posto, não teem o menor valor... O nosso olhar, portanto, não era de provocação, nem de odio, era um simples olhar de profunda piedade cristã por aquêle homem-isolador que Deus perdoará, porque absolutamente êle não sabia o que estava fazendo...

# LITERATURA COMUNISTA

O comunismo domina a Rússia dêsde 1917. Ha dezoito anos que exerce sua ação em todos os sectores da vida naquêle país. Entretanto o materializou de tal modo que, nêsse periodo bastante longo, vinte anos, o povo russo, que produzira uma das mais fortes e originais literaturas do mundo nada mais deu que se aproveitasse.

Não faz muito tempo fôram publicados uns *cadernos* de literatura sovietica: dois volumes de contos inspirados na nova ordem de cousas. Eram tão infantis, tão primarios, tão tôlos que causaram por toda a parte uma impressão desoladora. E foi só.

O romance *Cimento,* que se quis erguer ás culminancias de obra prima, mede-se pela mesma craveira. Máu grado o barulho de encomenda que se tentou fazer em torno, não conseguiu exito algum.

Os homens de ciência de que se orgulham os sovietes são reliquias da era imperial. Aliás, nêsses vinte anos, os poucos que existem estão envelhecidos e não podem ser substituidos.

Mas, em compensação, se a U.R.S.S. não tem forças inteletuais para produzir uma literatura comunista, os países da *podridão burguêsa* a produzem por ela. Os escritores da burguesia decadente, freudianos, impotentes, viciados, vítimas ou servos do judaismo corruptor, êsses é que semêam as montras dos livreiros com suas brochuras comunistas. Para que, pois, a Rússia marxista se dar ao trabalho de produzir alguma cousa espiritualmente? Que o façam seus admiradores e apaniguados da burguesia até o momento em que o comunismo domine seus países e para sempre os esterilize na sua noite judaica povoada de ranger de dentes...

Na Alemanha hitlerista, ha uma lei que esteriliza fisicamente os degenerados; na Rússia comunista, não foi preciso promulgar lei alguma: o ambiente social se encarregou de esterilizar inteletualmente uma raça que produziu gigantes como Gogol, Turgueniev, Tolstoi, Merejkowski, Puckine, Dostoievski...

Em um estudo sobre a *Literatura Comunizante em França,* isto é, a literatura esquerdista, simpatizante do comunismo, que, aliás,

temos no Brasil com os srs. Gilberto Freyre, José Americo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, etc., Drieu de la Rochelle acha-a *brilhante* e enumera os seguintes valores representativos: André Malraux, Jean Giono, Louis Aragon e Eugenio Débit. E' ingente fazer notar que o referido critico, ignorante, como todo burguês que se presa, das forças secretas que governam o mundo, considera êsses quatro escritores como homens de letras *francêses.* Entretanto, de francêses sómente teem os nomes e assim mêsmo mal disfarçados. Todos rescendem ao famigerado *fetor judaicus,* todos são judeus...

Malraux começou pelo romance "Conquérants", impregnando de nietzchenismo, no sentido da ação florescendo em acção e ideologia. O vento que impele os seus conquistadores já é o vento gelado de Moscovo. Noutro livro, "La condition humaine", a orientação comunista se desvenda enroupada num vocabulario marxista. A propósito, escreve o citado Drieu de la Rochelle: "Malraux é um burguês libertario lançado fóra da lei, que se acha em posição de exprimir, com fraternidade superior, a alma dos libertarios de todas as classes..."

Como burguês que é, reconhecidamente, o romancista imobiliza-se no centro dum turbi-

lhão confusionista. Os povos em desespero, agitam-se nervosamente pelo mundo afóra, nas lutas, nos sacrificios, nas duras experiencias sociais. Os burguêses gastos, supercivilizados, estiolam-se nos entorpecentes e nos tédios ou afundam na bacanal dos grandes centros. Malraux é dêstes, mas seus olhos vêem aquêles e êle faz arte com o sofrimento que vê, mas do qual não participa.

Drieu de la Rochelle arraza-lhe o artificialismo da obra que houve quem quisesse elevar aos páramos de verdadeira Epopéa Comunista: "Malraux teve de localizar suas cenas na China, pois não era possivel imaginar semelhante revolta em Ménilmontant. Não as poderia tambem imaginar em Berlim, onde os comunistas baixaram a cabeça sem coragem de bater-se... Malraux, que, exclusivamente, se interessa pelas possibilidades heroicas do comunismo, só póde encontrar ambiente para descrevê-las *fóra da Rússia*... Finalmente, a epopéa comunista de Malraux é a epopéa da derrota..."

Aliás, que escreveu o comunismo nas páginas das revoluções mundiais, além do sadismo, da bestialidade e da crueldade, senão derrota e covardia? Vêde a conquista do poder na Rússia por trás do biombo do golpe burguês liberal de Kerenski. Vêde Abel Cohen,

fantasiado de Bela-Kun, fugindo covardemente das baionetas rumenas. Vêde Kurt Eisner... Vêde Harry Berger... Vêde tantos outros... Vêde o recúo do comunismo deante da marcha de Mussolini. Vêde a sua passividade derrotista em face da impavidez de Hitler. Vêde os seus estertores ensanguentados em face do avanço de Franco. Vêde seus manejos nas trevas contra Salazar...

A literatura comunista do *judeu francês* Giono é dum máu gosto exemplar, que faria furor entre as mocinhas suburbanas estampada no meio de cercaduras de flôres e borboletas, um jornal de bairro. São fábulas liricas com um comunismo de sonho, na placidez dos campos, longe dos rumores da cidade...

Louis Aragon, outro judeu, é o autor de "Les cloches de Bâle". Saudosista do socialismo anterior á guerra, que era uma grande esperança, enche com êle as suas páginas, como se Lenine nunca tivesse saído da Suiça e desencadeado em Petrogrado os dez dias de horror que abalaram o mundo. Olhos que se voltam para trás, talvez decepcionados pela realização do que de outra fórma haviam imaginado.

Débit é o mais medíocre de todos. Seu nome judaico é expressivo: Débito. E' um pintor de paisagens comunistas, mas um dês-

ses pintores que pintam paisagens nas paredes dos restaurantes e dos cafés, ou na das varandas de certos palacetes dos suburbios da Leopoldina e da Central... Por mera piedade, um critico parisiense já o denominou uma feita *un peintre charmant*. E foi o peor dos insultos...

Sobre a literatura comunizante ou comunista em França, Drieu de la Rochelle expende êste juizo: "Resulta de tudo isto que a literatura francesa comunizante foge ás exigencias comunistas ou, antes, sente, sob sua exigencia da verdade, faltar a base comunista."

Assim, vemos que essa literatura sem base não se manifesta na Rússia comunista e sim nos países burguêses-liberais, fruto do diletantismo de inteletuais sem moral, de burguêses á cata de novas sensações e de judeus sem alma. E a pobreza de tal literatura é de fazer dó! Que impotencia!

No Brasil, temos meia dúzia de livros dessa ordem, muito trombeteados por certos livreiros e certos jornais. Temos tambem meia duzia de burguesotes pedantes que os publicam, muito trombeteados pelos grupinhos de elogio mútuo, incorporados e ilimitados. Temos ainda mêsmo duas obras-primas no gêne-

ro: "Suor" e "Reflexões duma cabra". Mas são gente e são livros com os quais uma pessôa seria não perde tempo e dos quais seria melhor ninguem se ocupar, se não fôra necessario combater o mal que causam, esclarecendo a opinião pública a seu respeito.

---

## HERODES E O PAPAGAIO

Os papagaios, ás vezes, tomam parte — e bem a peito — nos sucessos da politica. Mêsmo nas revoluções. Na revolução jacobina de Napoles, em fins do século XVIII, houve um que se tornou famoso exemplo do que afirmamos.

Quando os realistas vitoriosos retomaram a cidade, começaram a dar busca nas residencias dos republicanos vencidos. Ao penetrar um bando dêles no jardim da Egeria revolucionaria, Eleonora da Fonseca Pimentel, da cópa embastida duma árvore, desceu êste grito nasalado:

— Viva a Republica!

Soldados e lazzaroni estremeceram de espanto áquela audacia. Apontaram as armas para as frondes e atiraram. Caíu-lhes aos pés, morto, o papagaio de Eleonora...

Vê-se que é cheia de graves perigos a existencia historica dos papagaios. No Ceará,

quando das tão faladas lutas rabelistas, ameaçada a cidade de Fortaleza pela invasão dos jagunços do padre Cicero, desordeiros atacaram a residencia dum dos chefes da oposição. Não encontraram ninguem, mas duma mangueira do pomar veiu um brado fanhoso:

— Morra o Franco Rabelo!

Fogo! As balas de Winchester palitaram a ramaria densa e o papagaio do dono da casa tombou morto no chão. Na verdade, quando os politicos fogem ou se escondem, os pagagaios arrostam as iras populares. Um homem adere. Um papagaio morre, soltando seu grito de guerra. Poder-se-ia escrever um estudo grave: *Da superioridade politica de certos papagaios sobre certos homens...*

O mais celebre papagaio da História Americana não foi decerto aquêle dos Aturés, a que se refere Humboldt, que guardou e perpetuou a lingua dum povo desaparecido; mas o que pertenceu ao sr. Washburn, ministro dos Estados Unidos no Paraguai, ao tempo da guerra da Triplice Aliança. Trazido por algum soldado dos saques em Mato Grosso invadido, levou ao coração do país amigo a aclamação nacional ao Imperador. No seu livro "Siete años de aventuras en el Paraguay", á pg. 145, o boticario Mastermann refere rapidamente o episodio: "Uno de ellos nos asombró muchisi-

mo, lanzando el grito de — Viva Pedro Segundo! — Olá! exclamó Mr. Washburn, mirando atónito a su rededor — Que es eso? Viva Pedro Segundo! repitió el loro, dandose vuelta para miralo de frente. Tuerzale usted el pescozo imediatamente, dijó a Mr. Meinke, su secretario, si no quiere que todos nos veamos en apiertos.

Eis como "A guerra do Lopez" narra mais pormenorizadamente o sucesso: "Na legação norteamericana, refugiaram-se diversos estrangeiros que temiam as iras do suspeitoso despota ou estavam ameaçados pelos seus esbirros: o major Manlove, o americano Bluss, o boticario Mastermann, o ministro do Exterior do Uruguai, que abandonára Montevidéu, quando os brasileiros a ocuparam, destinado a ignominosa morte, D. Antonio de las Carreras e seu secretario Rodriguez, e alguns operarios inglêses que tinham terminado seus contrátos com o governo paraguaio e não desejavam renová-los. Havia, ali, ao todo, entre homens, mulheres e crianças, vinte e duas pessôas.

O coronel Fernandez, que governava a cidade, mandou cercar de policiais a legação americana, com ordem de prender quem quer que dela saisse, menos o ministro, e êste, até o dia de sua partida do país, teve de se sujeitar a tal vexame.

Mastermann conta que os bichos domesticos da capital abandonada procuraram aquela casa onde havia vida e animação. Os cães sem dono ladraram-lhe em volta. Os gatos famintos roubavam-lhe até os frangos do galinheiro. Os moradores viram-se obrigados a caça-los com armadilhas e a tiro. Mataram mais de trezentos. E nove papagaios da vizinhança solicitaram a hospitalidade norte-americana. Fôram alojados num grande bambú estendido no corredor da habitação.

Um dêles pregou terrivel susto a todos os refugiados. Devia ser brasileiro, sem dúvida, trazido por algum oficial ou soldado do saque de Mato Grosso. Estava o ministro Washburn á mêsa do almoço com os seus hóspedes, quando um grito áspero e fanhoso ecoou no casarão:

— Viva D. Pedro Segundo!

Estarrecidos, lividos, todos se entreolharam. O diplomata iánqui levantou-se e disse:

— Quem será o imprudente que nos quer comprometer? Imaginem se a policia paraguaia ouve uma cousa destas! Estaremos perdidos!...

Mal acabava de falar, outra vez o grito perigoso:

— Viva D. Pedro Segundo!

— Senhores, continuou o ministro, procuremos em toda a legação o autor desta pilheria de pessimo gosto.

Todos se levantaram e espalharam pelo casarão. Dentro de instantes, de novo o viva apavorador e o grito do sr. Meinke, secretario da legação:

— Venham cá! Venham cá! Encontrei o criminoso.

Dirigiram-se cavalheiros e senhoras ao corredor. Sob a longa haste de bambú cheia de papagaios, o joven diplomata ria-se gostosamente. Apontando um dos louros ao sr. Washburn, disse:

— Eis aí o imprudente!

O papagaio volta-se para o ministro e berra:

— Viva D. Pedro Segundo!

— Torça-lhe o pescoço imediatamente, sr. Meinke! ordenou Washburn pálido. Êste bicho é um perigo· Torça-lhe o pescoço!

E, assim, perdeu a vida o pobre papagaio brasileiro que, em plena guerra, vivou o seu soberano dentro da capital do inimigo..."

Não era possivel, deante de tais exemplos, que o Integralismo não tivesse tambem o seu papagaio histórico. E êsse foi o dum companheiro da Baía, que lhe ensinou a dar anauês

ao Chefe Nacional. Ora, sob o regime liberal democratico, é mais perigoso dar um anauê em S. Salvador do que vivar outróra D. Pedro Segundo em Assunção. Impressionada com os anauês que partiam de certa casa, a policia do sr. Juraci Magalhães varejou-a, capacitada de que prenderia um bando de integralistas, conspirando... Ninguem! E os anauês continuando. Nova busca e novamente ninguem. Mas os anauês não cessavam. Era o papagaio. Consultado pelo telefone, o joven governador deu a ordem:

— Prendam o papagaio!

Os integralistas ficaram com pena do inocente condenado pelo Herodes imberbe. Esconderam-no. A policia baiana andou mêses a fio como louca atrás do bicho, para torcer-lhe o pescoço. Sem resultado. De quando em vez ouvia-lhe o grito: — Anauê! Varejava casas, cercava quarteirões e nada de encontrar o louro. Até que desistiu, convencida e convencendo ao joven Tetrarca que um papagaio que fala, mas não age, é mais fácil de ser escondido do que o mano Eliezer, que não fala, mas age, *abusando do nome do sr. Pedro Ernesto*, conforme depôs o terceiro mano, o barbado, no Tribunal de Segurança...

# A AFRICA E A CIVILIZAÇÃO

No momento que passa, tão grave para a humanidade, o homem de pensamento deve procurar vêr, sob o mundo das ilusões passageiras, o mundo das realidades eternas. Estamos em presença duma das fáses do grande duelo a que se refere William Draper, entre a Liberdade e a Necessidade, dum lado, isto é, o homem livre de peias morais, entregue aos instintos, á fatalidade do destino, e, do outro, a verdade dentro da fé, duelo em que o judaismo está sempre presente, embora quasi sempre oculto.

Segundo o mêsmo Draper, autor insuspeitissimo, inimigo declarado do Catolicismo, o Islamismo foi uma creação judaica, destinada a atacar politica e militarmente a cristandade, do mêsmo modo que foi outra creação judaica o arabismo, para o ataque á Igreja no campo filosofico e no campo religioso. O autor dos "Conflitos entre a ciência e a religião" sen-

tencia: "Na história inteletual do arabismo, judeus e sarracenos caminham sempre juntos. Do mêsmo modo, na história politica, quer no Egito, quer na Siria, quer na Espanha".

Dêsde remotos tempos, a Espanha foi um fóco de judaismo. Os judeus começaram a emigrar para ela no tempo de Salomão, tornando-a seu quartel-general no Ocidente. Ali se refugiou Herodes e havia tantos, nêsse tempo, que, nas cidades, só se falava o hebraico. Com os reis visigodos, conseguiram, conforme confessa o historiador israelita Bedarride, todas as isenções possiveis de tributos, que os enriqueciam, e leis de excepção, o *fôro judaico,* que os punham em condição superior á dos cristãos.

Abusaram de tal sorte das prerrogativas que, no século V, o concilio de Elvira se reuniu especialmente para estudar o *perigo judaico*. O rei visigodo Egica descobriu que conspiravam contra a segurança do Estado. Seu sucessor, Wamba, expulsou-os. No século VII, o concilio de Toledo proibiu-lhes o acesso aos cargos públicos, verificando que continuavam a conspirar. Mas, declara Bedarride: "Suas sociedades a tudo resistiam". Sociedades secretas! O Kahal! E mais: "Suas riquezas contrastavam com o estado miseravel em que se arrastava o povo".

Vendo descobertos os seus planos, intrigaram junto aos arabes e mouros da Africa, para que conquistassem a Peninsula, abriram-lhes as portas das cidades e atraiçoaram por todos os meios e modos o rei Rodrigo. O alude maometano apoderou-se das Espanhas e se espraiou até o sul da França. Os cristãos refugiaram-se nas montanhas das Astúrias, levando oito séculos de rudes combates para expulsar o invasor, cuja unidade imperial fôra minada pelos proprios judeus. Califas Omniadas de Bagdad, Califas Fatimitas do Cairo, Califas Abassidas de Córdova dividiram entre si o Imperio Muçulmano, bichado pelas conspirações judaicas como aquela de Halevy, que Abderraman descobriu e afogou em sangue.

Depois de oitocentos anos de luta tenaz e cruenta, leonêses, castelhanos, aragonêses, galegos, navarros, asturianos e lusos reconquistam a Peninsula, expulsam do seu seio os judeus *Sefardim,* cujo rabino amaldiçoou a Espanha com o *herem* sinagogal, e começam a levar suas armas ao norte da Africa. Aquem e alem-mar, em Africa, é o anseio dos soberanos de Castela e Portugal. Meter uma lança em Africa é o desejo dos grandes paladinos e campeadores. Fazer uma africa é praticar uma façanha. O Marrocos espanhol representa

hoje o derradeiro vestigio das epopéas reconquistadoras da cristandade peninsular.

Nêle se formam gerações de colonos em que a saudade da mãe-pátria, do outro lado do estreito, aviva a chama pura do sentimento cristão e nacionalista; nêle se crêam, no incessante batalhar com as tribus rebeldes de arabes, mouros e kabilas, os *tercios* de soldados valorosos como aquêles do Grande-Capitão Gonçalo de Cordova, assombro da Europa na frase de Victor Hugo: "Cavalerie turque, infanterie espagnole".

E um dia, no crepúsculo ensanguentado da velha civilização espanhola, quando já sobre a terra do Cid, sobre o convento da Rábida, onde cismou Colombo, sobre o imenso Escurial, onde meditou e governou Felipe II, se estendia a noite judaica do marxismo, cheia dos fantasmas de Moscovo, mascarados de Azañas, Largos Caballeros e Indalecios Prietos, a voz da Africa se fez ouvir:

— Basta!

As legiões do Tercio passaram o mar para cristianizar de novo a Espanha cristã judaizada, escrevendo o grande poema de heroismo e sangue que ainda estamos lendo. Avançadas da pátria na fimbria dos desertos marroquinos, arde no seu peito, mais pura, a fé dos

grandes antepassados. Distantes do cosmopolitismo dissolvente e do liberalismo dissoluto de Madrid e Barcelona, conservaram na alma o espirito de sacrificio cristão e o idealismo heroico dos fundadores de imperios. A' sua arrancada, as milicias rubras de Judá-Moscovo começaram a recuar. A Africa, que, outróra, servira de campeã ao judaismo, volta-se agora contra êle e o combate de armas na mão.

O exemplo parece querer propagar-se á Africa francêsa. A Argelia de Bugeaud e o Marrocos de Lyautey já estremecm. De lá, talvez, partam os bandeirantes francêses da Orania, do Tuggart, do Hoggar, da orla sahariana, com a mêsma psicologia e a mêsma flama do Tercio, para expulsar da cristianissima França, do país galo-romano, pela primeira vez governado diretamente por um judeu, Leon Blum, como disse no Palais-Bourbon o bravo deputado Xavier Vallat, o comunismo judaico-maçónico-moscovita, prestes a concluir a obra destruidora de 1871, 1848, 1830 e 1793.

Por isso, num artigo publicado em Argel, a 15 de agosto de 1936, o chefe francista Henry Coston escrevia, dirigindo-se ao grande panfletario Urbano Gohier: "Tendes razão, quando dizes que a Argelia será o ponto de partida do grande movimento de libertação nacional que os *verdadeiros francêses*, os *Ve-*

*lhos Francêses* esperam de nós... A França metropolitana, muito avacalhada por cincoenta anos de podridão parlamentar e maçónica, inteiramente descuidada do futuro, nunca apresentou uma imagem tão palpitante como esta que nós, os anti-judaicos, denominamos: *O Despertar da Raça*... Do mêsmo modo que o exercito de Franco foi reconquistar a Espanha entregue aos agentes de Moscovo, o exercito pacifico da Argelia francêsa partirá para a reconquista de uma pátria, colonizada pela *piolheira do mundo*. Teremos a vitória, porque seremos fortes; seremos fortes, porque seremos unidos em torno daquêles que *querem e sabem agir,* e tambem porque *queremos vencer*. "Vencer ou morrer!" foi a divisa de nossos antepassados, defendendo o territorio várias vezes invadido pelas hordas estrangeiras. "Vencer ou morrer!" será a divisa de todos quantos, como nós, queremos retomar nossa pátria, aos judeus, e restituir a França aos francêses!"

Urbano Gohier respondeu a Henry Coston nêstes termos: "Sinto-me contente com o rápido desenvolvimento de nossa ação na Argelia, o que me não espanta. Levastes o esforço justamente ao meio mais favoravel, onde encontrareis as energias e dedicações que se apagaram em França. Vosso apostolado em

breve despertará ecos formidaveis, do Cairo a Casablanca. Tudo aí é propicio. Invejo vossa mocidade. Ides realizar na Africa francêsa a *frente nacional* capaz de reconquistar ao Inimigo a Velha França. A Argelia conquistada reconquistará nossa pátria. Ninguem seria capaz de prever essa reviravolta em 1830! E será a magnifica recompensa dum século de trabalho."

Estas linhas fôram publicadas seis dias depois da primeira reunião pública, em Argel, a 7 de agosto, da *Concentração Nacional de Ação Social*. Vinte e cinco mil francêses aclamaram entusiasticamente as orações patrioticas dos lideres do grande movimento: Fossati, Rozis, o padre Lambert, Robbe, Mathé e Devaud.

Quem são êsses homens?

Fossati é o chefe da *Concentração*. Rozis é o prefeito de Argel. O padre Lambert é o prefeito de Oran, Robbe é deputado pelo departamento do Sena e Oise, suburbios de Paris, Mathé é o presidente do Partido Agrario Argelino, Devaud é deputado por Constantina.

No fim da reunião, o povo cantou a Marselhêsa e dissolveu-se aos gritos de — *fóra os judeus!*

A Africa Francêsa estremece ao contagio da Africa Espanhola. Vivemos uma época de

assombros. A Africa civilizando a Europa judaixada e bolchevizada! Lembremo-nos que da Africa Romana partiram, para sanear as podridões do Imperio, homens como Santo Agostinho...

Como os antigos castelhanos e os antigos francêses semearam nas vanguardas do deserto africano a semente de gerações destinadas a se conservarem puras, longe do metequismo desmoralizante, os antigos brasileiros as deixaram tambem no fundo de nossos sertões. Despertando os homens do Oeste para a reconquista da Grande Pátria, o Integralismo segue as grandes lições da história.

## AOS SIMPLES E INGÉNUOS...

Alguns brasileiros mal avisados, profunda e lamentavelmente ignorantes em assuntos judaicos, ou de absoluta má fé sob a capa da ingenuidade, de vez em quando se manifestam contra a campanha que realizamos contra os judeus. O curioso é que *documentamos exaustivamente* nossas afirmações, enquanto êsses simples e ingénuos nada documentam, limitando-se a martelar chavões: — bobagens, racismo, intolerancia religiosa, imitação de Hitler, etc.

Não vale a pena responder a essas repetidas tolices. Mas, como alguns, os mais ingénuos ou, quiçá, os mais maldosos, gostam de afirmar á bôca pequena que a campanha anti-judaica aberra das normas da doutrina integralista, preciso se torna pô-los convenientemente no lugar — *Sutor, non ultra!...*

Quando entrei para o Integralismo, era já um escritor mais ou menos conheci-

do, com algumas dezenos de obras publicadas. O meu público poderia atestar que eu nunca escrevera uma palavra contra os judeus. Sabia alguma cousa a respeito da questão, mas não o bastante para me imprimir uma atitude espiritual. Foi o Integralismo que me tornou anti-judaico. A primeira pessôa que comigo conversou profundamente sobre o judaismo foi o Chefe Nacional. A segunda, o companheiro Madeira de Freitas, que me emprestou para ler a edição francêsa dos "Protocolos dos Sábios de Sião", obra que eu não conhecia. Os estudos para a feitura do livro "Brasil-colonia de banqueiros" desvendaram-me os últimos misterios da organização secreta do judaismo. Passei, então, a dar-lhe combate, baseado na nossa doutrina e na palavra de Plinio Salgado:

a) Na nossa doutrina:

I — 2.º item do Manifesto de Outubro, documento básico do Integralismo: "O Brasil não póde realizar a união intima e perfeita de seus filhos enquanto existirem Estados dentro do Estado..."

Ora, quem conhece o que seja o Kahal, o organismo secreto estruturador das forças judaicas, cuja existencia não póde ser posta sequer em dúvida, deve convir que combater êsse *Estado dentro do Estado* é um dever integra-

lista, do mêsmo modo que conbater outros *Estados dentro do Estado*.

II — 16.º item do Manual do Integralista: "— Quais são os elementos morais da Nação? — Os elementos morais da Nacionalidade são a Religião e a Familia, envolvendo estas as tradições do Povo e o genio da Raça."

Perguntamos a quem quer que seja, de bôa fé, se o genio e as tradições do Povo de Israel e da Raça de Jacob podem ser enquadrados nêsses *elementos morais da nacionalidade,* se não estão fóra e se não colidem com êles?

III — 2.º item das Diretrizes Integralistas: recomenda o combate aos "grupos financeiros de Londres e Nova York.

Que grupos são êsses? São ou não as grandes organizações judaicas internacionais?

b) Na palavra do Chefe Plinio Salgado:

I — "A Doutrina do Sigma", pg. 46: "Se a lavoura, as industrias, o comercio estão á mercê duma *orientação* que, em vez de ser brasileira, é inglêsa, americana ou francêsa, e, o que é peor, *judaica-internacional,* como podem essas forças (*as nacionais*) abafadas, asfixiadas, atender á grita, por sua vez justa, do proletariado?"

Lutando para desabafar e desasfixiar as forças nacionais da *orientação judaica-internacioanal,* disciplinarmente seguimos o exemplo e cumprimos a ordem do Chefe.

II — "A Doutrina do Sigma", pg. 119: "A Russia é hoje governada por judeus. *A finança ocidental tambem o é.* Que misteriosa coincidencia é essa? Pois então os mêsmos que governam politicamente a Russia são os mêsmos que governam financeiramente o Ocidente? E os *ingénuos* não vêem nisso nada demais?"

Êste periodo incisivo do nosso Grande Chefe é o mais perfeito e claro resumo da Questão Judaica que conhecemos. E' irrespondivel. Então, *os ingénuos* não vêem nisso nada demais?

Reconhece o Chefe Nacional num dos seus grandes livros que os judeus governam a Russia comunista e a Finança Ocidental. A's. pgs. 101-102 das "Cartas aos Camisas-Verdes", declara combater "o capitalismo internacional ligado secretamente aos bolchevistas." Assim, quando combatemos o capitalismo-judaico e o comunismo-judaico, seguimos as lições de Plinio Salgado, Chefe, Amigo e Mestre.

III — "A Doutrina do Sigma", pag. 135: "entre Stalin e Rotschild, como entre Litivinof

e sir John Simon, existem *relações secretas*. Comunismo e capitalismo não uma e a mêsma cousa..."

Portanto, não é possivel combater Stalin sem combater Rotschild, isto é, não é possivel combater o comunismo sem combater o capitalismo. As *relaçõe secretas* que os unem chamam-se *judaismo* e *maçonaria*. Daí nosso combate sem treguas contra os judeus e os maçons.

Os que nos criticam não estão documentados, nem seguros, nem certos. Estão errados dentro da Doutrina e em relação ás lições do nosso Chefe.

De proposito, somente recorremos aos textos de Plinio Salgado compendiados em volume. Se quisessemos respigar nos seus artigos através da "A Ofensiva" as claras, desassombradas e corajosas afirmações contra os judeus, teriamos citações para meia duzia de páginas. Depois da morte de Caetano Spinelli e Jaime Guimarães, em consequencia da emboscada judaico-comunista da praça da Sé, o Chefe Nacional escreveu um artigo de *guerra aos judeus*. E' a essa palavra de ordem que obedecemos em nossa campanha...

Os *ingénuos* que, nas minhas costas, procuram com *santa simplicidade* crear-lhe óbices ficam desafiados a apresentar documen-

tação honesta que destrúia a minha documentação. Estou dentro da Doutrina e da Palavra do Chefe Nacional. *Et nunc, et semper!*

A maior vitória da nossa campanha contra a influencia nefasta do judeu em todos os sectores e atividades sociais tivemo-la no conclave dos Chefes de Policia dos Estados reunidos no Rio de Janeiro. Êles reconheceram a necessidade de pôr paradeiro á entrada de judeus aventureiros no Brasil, avocando a si as cartas de chamada de agricultores, estabelecendo medidas tendentes a evitar a penetração de elementos israelitas sob o pretexto de turismo e declarando textualmente que os judeus de prestação são "uma verdadeira praga".

# CONCEITO DA REVOLUÇÃO INTEGRALISTA

A Revolução Integralista é uma revolução *sui-generis,* que escapa ao criterio da palavra *revolução* na história do Brasil. Não é uma revolução militar, tipo quartelada, do periodo que precedeu a tomada do poder em 1930, na qual fôram *magna pars* o sr. José Americo e o sr. Juraci Magalhães. Não é uma revolução parlamentar, branca, sem procissão de tropas na rua, mudando os rumos nacionais, como a da Maioridade, em 1840. Não é uma revolução social, assoprada pelas forças secretas internacionais, como o golpe comunista de novembro de 1935. Não é uma revolução politica como a que depôs o Presidente Washington Luiz. Não é ainda uma revolução economica ou financeira; nem uma revolução puramente liberal.

Não é nada disso, porque é uma *revolução interior,* uma *revolução do espirito,* uma *revolução das almas,* cousa desconhecida, inédita,

na vida da nação brasileira, o que a torna incompreensivel para os infelizes politiqueiros que não enxergam horizonte mais vasto do que a rinha dos partidos e sub-partidos.

E' tudo isso, porque, revolucionando os espiritos, reformando-os, revolucionará e reformará completamente, por conseguinte, todo o ambiente nacional.

A Revolução Integralista desperta e transforma o pensamento brasileiro, sendo natural que os observadores superficiais não apreendam sua profunda significação e recuem deante de sua amplitude, querendo capitulá-la como extremismo, porque ela destrói o edificio do comodismo em que teem vegetado, parasitando o povo do Brasil.

O Integralismo exige do brasileiro gasto pela exploração capitalista e dessorado moralmente pela corrupção liberal mudança radical de modo de viver, de conceituação moral e mental da existencia, purificação de atitudes tanto exteriores como intimas. Êle combate os egoismos salafrarios e desentoca as perfidias em nome dos principios superiores da Dignidade Humana. Nenhum previlegio, nenhuma gerarquia, nenhuma fortuna, nenhum poder acima do interesse do Brasil e dos deveres morais.

Algum dia houve revolucionarios na nossa Pátria que pregassem isto?

Nós, Integralistas, estamos encadeados ás tradições de nossa terra, mas nosso espirito revolucionario não se liga, prende ou aparenta com os *espiritos revolucionarios* que por aí se apregôam, com os *tenentismos* e *outubrismos*. Nós somos outra cousa, farinha de outro saco, vinho de outra pipa. Seria verdadeiro contrasenso que nos filiassemos aos que se bateram contra a vacina obrigatoria ou contra a candidatura presidencial do sr. Julio Prestes. Podemos reconhecer altas qualidades nos brasileiros transviados por êsses movimentos gerados nas inquietações e angústias nacionais, impulsionados insidiosamente pelas forças de desagregação; podemos homenagear seu sacrifício inútil ou sua bravura leonina; mas nada temos nem poderemos ter, *revolucionariamente*, com êles.

Nós surgimos á voz de Plinio Salgado, com o Manifesto de Outubro, com uma nova consciência da Pátria despertada por uma nova filosofia da história e informada nos principios fundamentais da civilização cristã.

E' preciso, pois, que os Camisas-Verdes se não deixem levar por maviosos cantos de se-

reias e saibam conscientemente que a Revolução Integralista é nossa, unicamente nossa, nem reproduzindo, nem se encadeando a outras revoluções de ruas, de quarteis, de navios, de partidos, de ambições individuais, de grupos economicos, de sindicatos financeiros ou de corrilhos politicos.

A Revolução Integralista é uma revolução de almas. Sua ação na sociedade, modificando-lhe a estrutura, creando o Estado Integral, prolongando-se no futuro em um dinamismo consciente e perpetuo, não é a revolução, — é a consequencia da revolução feita dentro de cada um de nós. Eis a razão precipua pela qual as outras revoluções fôram vencidas pela violencia ou pela assimilação, e a Revolução Integralista é fatal e universal como uma força cósmica desencadeada.

Nada temos, pois, com 1922, 1924, 1930 ou 1932. A nossa revolução data em cada Camisa-verde do momento em que compreendeu e jurou. Nós, como espirito revolucionario, não nos prolongamos para o passado, porque alastramos para o futuro.

Quanto mais profunda fôr a transformação interior que operarmos em nós mêsmos,

tanto mais luminosa e potente a projeção das consequencias dessa revolução.

Sabendo disso, os Camisas-verdes sorrirão dos que nos queriam impingir antepassados, que podem ser ilustres, mas não são verdadeiros. E repelirão êsses erros doutrinarios:

*Non confundetur!*

# DOUTRINA

O Integralismo repousa doutrinariamente no Manifesto de Outubro. Quanto mais se lê, mais se examina e mais se esmiuça êsse magnifico documento fundamental, mais riqueza doutrinaria nêle se encontra sintetizada. E' a semente maravilhosa de toda a floração da doutrina integralista. E forçoso é reconhecer no seu autor, Plinio Salgado, uma insipiração providencial.

Na pureza de sua doutrina, reside toda a força do Integralismo Um movimento de tamanha amplitude espiritual como o nosso, de tamanha projeção social e geografica, retira de sua pureza doutrinaria a sua unidade, isto é, a sua consciência coletiva. Dêsde que qualquer uma das fôlhas duma árvore deixa, por um defeito funcional qualquer, de receber a seiva vivificadora pura ou a recebe eivada de quaisquer substancias envenenadoras, murcha, amarelece e cái, indo apodrecer no abandono

e no anonimato. E' o que ocorre no movimento integralista com todos aquêles que se afastam da pureza da doutrina: terão o fim lastimavel das fôlhas sêcas.

O Integralismo não tem o Tesouro nem a força armada, não dispõe de empregos ou outros bens e vantagens a distribuir, nem ao menos sabe *onde está o dinheiro,* como o candidato *majoritario* ou *miajaritario*... Ação espiritual, seu tesouro é o *tesouro* das idéas Nelas se afirma sua grandeza e seu prestigio. Mudá-las ou fraudá-las a cada passo seria modificar o seu prestigio ou fraudar a sua grandeza.

Em luta constante contra o individualismo liberal e todas as forças anti-nacionais e anti-cristãs, o Integralismo naturalmente tem de estar alicerçado na rocha firme de sua doutrina, consubstanciada no Manifesto de Outubro e sintetizada unicamente na pessôa do Chefe Nacional. Condenando as mentiras demo-liberais e marxistas, o Integralismo pretende realizar uma Ordem Social e Politica hierarquizada, do Municipio á Nação, uma Democracia Organica, Harmonica e Racional, como diria Santo Tomás de Aquino. Para essa obra formidavel, precisa impôr um pensamento uniformizado, um consenso, uma consciência nova.

Será possivel conseguir isso, dêsde que os métodos integralistas são contrarios aos embustes, aos dólos, ás hipocrisias liberais, contrarios ao emprego do ditame comunista de que o fim justifica os meios, sem manter uma pureza doutrinaria a toda prova? Sabendo-se, como se sabe, que um erro de teoria póde acarretar erro maior, de imprevisíveis consequencias na prática, pois que a teoria, no ensinamento sem par do Doutor Angelico, é o *universal* e a prática, o *particular,* o zêlo pela pureza doutrinária é obrigação precipua de todos os integralistas. Êste zêlo salvou a Igreja de todas as seitas, heresias, sismas e protestos. Quando uma doutrina se conserva pura, os galhos protestantes apodrecem por si mais hoje, mais amanhã... Se o pensamento dum dêsses galhos conseguisse superar o pensamento da árvore, isso seria a negação do Integralismo: a parte impondo-se ao todo.

Bem hajam, pois, os que interpretam com segurança e defendem com ardor o pensamento puro da Ação Integralista, dentro do culto de obediencia ao Chefe Nacional. Talvez a primeira palavra de nossa doutrina seja — *Disciplina* — Essa disciplina começa por ser *disciplina espiritual*.

*
* *

A Revolução de 1930 começa perguntando ao Brasil inteiro: — "Que é que ha?"

Triunfante, a Revolução respondeu á sua propria pergunta com a famosa frase lamartinéana: — "O Brasil é um deserto de homens e de idéas".

Reflexo do mal-estar que lavrára no país, mal-estar privativo dos regimens liberais-democraticos, em que a soberania da nação se dilúe deante da soberania dos grupos políiticos e economicos, o movimento de 1930 não trazia consigo um corpo de doutrina e, por isso, se não desenvolveu em lineamentos e diretivas seguros. Mas quebrou os velhos quadros politicos que emolduravam a Nação e, por isso, podia permitir a eclosão duma ação baseada numa ideologia que consultasse as verdadeiras realidades brasileiras. Êsse anseio nacional teve um interprete, Plinio Salgado, e a sua palavra nova despertou as energias dum novo Brasil, no Manifesto de Outubro de 1932, quando, ainda com o sangue quente da mocidade paulista derramado nas trincheiras do vale do Paraíba, os politicos liberais faziam acôrdos e conchavos.

Palavra nova de tempos novos, o Evangelho Integralista trouxe ao Brasil desunido e em guerra a esperança dum futuro melhor — A mocidade, que, minada pelo extremismo moscovita ou em plena disponibilidade doutrinaria, presa do pragmatismo e do ceticismo, resvalára para as fileiras dos inimigos da Pátria, exploradores vis do seu idealismo, viu como que acender-se nas trevas do horizonte o farol denunciador do seguro porto.

Poucos fôram os que acodiram ao chamamento patriotico do Chefe Nacional; mas as suas fileiras engrossaram a pouco e pouco; e hoje ha uma maravilhosa floração de camisas-verdes sobre a vasta extensão da terra brasileira! Sangram os pés dos Integralistas nos agudos espinhos semeados á sua passagem; um fio de sangue marca a sua caminhada dêsde Baurú, a Meruoca e a praça da Sé, até as matas do Espirito Santo, os pampas do Rio Grande, os vales catarinenses e as ruas de Campos. Os régulos os perseguem. A calúnia e a inveja mordem-lhes os calcanhares. A marcha triunfal do sacrifício prossegue na lenta construção do Brasil-Integral, desafiando as forças ocultas e aparentes do Anti-Brasil.

Nunca nos anais de nossa vida nacional um documento produziu tamanho movimento de

homens e de idéas, resposta magnifica do Espirito Brasileiro á pergunta ansiosa da Revolução de 1930. Nunca um pedaço de papel transformou de tal modo o sentido da nossa existencia nacional. Nunca um grito de alarma despertou mais promissoras e audazes energias.

Outróra, os bandeirantes que conquistaram em rudes marchas pelo sertão a Grande Terra iam com os olhos ávidos, fitos nas balisas azúes do Itacolomi e do Itararé, que se erguiam no recúo dos amplos horizontes. Hoje, os verdes bandeirantes do Brasil-Integral caminham com passo firme, olhando os rumos que o Manifesto de Outubro lhes indica.

A palavra de Plinio Salgado ensinou os brasileiros de bôa vontade a querer e a saber o que querem.

# INDICE


PAG.

O BÓDE .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 5

1.ª PARTE — Reflexões dum bóde :

Reflexões dum bóde .. .. .. .. .. .. .. .. 9
Bagaços da Bagaceira . .. .. .. .. .. .. .. 33
Contrastes e Confrontos .. .. .. .. .. .. 52
Os Judeus, os Comunistas e o Sr. José Americo .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 59
Sottisier Americano .. .. .. .. .. .. .. .. 71
Coração Maçónico .. .. .. .. .. .. .. .. 85

2.ª PARTE — Reflexões contra o bóde :

A verdade sobre a nossa democracia .. .. 95
A ressurreição da D. Loló .. .. .. .. .. .. 101
Dona Elvira Corta-Fino .. .. .. .. .. .. .. 105
O Califa Omar e o Mendigo .. .. .. .. .. 109
O Comunismo e as Classes Armadas .. .. 113
A melhor lição do Bolchevismo .. .. .. .. 121
O isolador de São João d'El-Rei .. .. .. .. 129
Literatura comunista .. .. .. .. .. .. .. .. 139
Herodes e o Papagaio .. .. .. .. .. .. .. .. 147
A Africa e a Civilização .. .. .. .. .. .. 153
Aos simples e ingenuos .. .. .. .. .. .. .. 161
Conceito da Revolução Integralista .. .. .. 167
DOUTRINA .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 173

TODO BOM BRASILEIRO
deve ter em sua casa

«UMA IMAGEM DO SEU PAÍS»

# UM MAPA ECONOMICO DO BRASIL

E' distinção e bom gosto, é instrutivo e patriotico.
Trabalho perfeito, sob a direção de

CARLOS ALBERTO GONÇALVES

Impresso em 12 côres.
Maravilhosos desenhos, demonstrando a produção brasileira, por Estados — dados climatológicos — fito-geográficos — superficie — população — imigração — importação e exportação — estradas de ferro e muitas outras informações necessárias ao conhecimento de todos os brasileiros que se interessam pelo Brasil.

**MAPA BRASIL economico**

em 12 cores, processo — foto-lito em papel especial de 50 ks B B, formato 80 x 100 ctms. — larg.-compr., superficie envernizada para perfeita e maior durabilidade.

——— :: ———

O MAPA DO BRASIL economico, de Carlos Alberto Gonçalves, é destinado ás escolas brasileiras, colégios, ginásios e enfim, todos os estabelecimentos de ensino.

Preço para todo o Brasil ... .. 25$000

AOS LIVREIROS E ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, FAZEM-SE DESCONTOS

Pelo correio, mais 2$000 para o porte.
Para DOIS exs. mandaremos livre de porte
Para TRES exs. 70$000, livre de porte.

Peçam informações e propostas para quantidade superior a 3 exemplares á

GRAFICA EDUCADORA LIMITADA
RUA TEÓFILO OTONI, 74, 2.º — RIO DE JANEIRO

# "Solidarismo e Integralismo"

O seu autor é o Revmo. Pe. Everardo Guilherme, Professor do Seminario Provincial de Belo Horizonte, e ainda Secretario Nacional da "COMISSION Permanente Des DIRECTEURS Des Journaux Catoliques".

Tambem um livro que irá interessar um publico bem notavel de leitores, que nêle reconhecerão segurança de doutrina, clareza na exposição de problemas de toda atualidade, palpitantes questões suficientemente documentadas, como se encontram nos diversos capitulos de

# "Solidarismo e Integralismo"

Vol. . . . . Br. . . . . 6$000

UM LIVRO

que se afasta muito, pelo seu alto valor, do comum das publicações que se lançam, cada dia, mesmo as melhores e mais interessantes.

Não se vai fazel dêle propaganda. Apenas se diz que o autor é

SANTO TOMÁS DE AQUINO. Traduziu-o o senhor *Arlindo Veiga dos Santos*,

bacharel em filosofia pela Faculdade de S. BENTO (São Paulo), da qual é professor o Dr. Leonardo VAN ACKER que prefacia o trabalho.

## «DO GOVERNO DOS PRINCIPES AO REI DE CIPRO»

E

## «DO GOVERNO DOS JUDEUS A' DUQUEZA DE BRABANTE»

é o livro publicado.

Diz o ilustre prefaciador: "inumeros *moços e moças* compreendem impor-se no Brasil decidida reforma de instituições e costumes. A essa nova geração, sobremaneira interessam as doutrinas do menos faccioso dos autores politicos: STO TOMÁS DE AQUINO; não para apadrinhar com tal autoridade soluções de problemas especificamente brasileiros, senão para buscar, no pensamento desse grande autor da objetividade cientifica desapaixonada, sugestões fecundas e profundas na obra sagrada de reconstituição nacional".

Vê-se, pelo que é autorisadamente afirmado, que é o livro que se estava esperando. O *livro do momento*. E ainda mais desperta interesse a ultima parte do trabalho, sobre a politica para com os judeus, a venda de empregos publicos, a questão dos impostos, etc., tudo de palpitante atualidade nacional ou internacional.

São 164 paginas que muito instruirão, e assim fazendo com real agrado.

Vol. .. .. .. .. .. Br. .. .. .. .. .. 5$000

—— EM TODAS AS LIVRARIAS ——

Por Deus, pela Pátria
e pela Família!


A nova Kappel ao mundo inteiro

A máquina que dia mais, dia menos você ha de comprar. Satisfaz os mais exigentes em todas as suas atividades.

CASA LIMA
ALFANDEGA, 82 - RIO DE JANEIRO


Of. Gráfica Renato Americano — R. Alzira Brandão, 39 — Rio